

O REINO DAS FADAS

Geoffrey Hodson

Primeira Edição em 1927

The Theosophical Publishing House

(Londres)

PREFÁCIO		
CAPÍTULO		
I	Devas	<u>O Deva de um Vale em Cotswold</u>
		<u>Uma Cerimônia Dévica</u>
II	Silfos	<u>Espíritos da natureza do Vento e das Flores nos Campos de Sussex e Kent</u>
III	Gnomo e Deva	<u>Um Deva da Natureza estimulando a Evolução de um Gnomo</u>
IV	Fadas	<u>Fadas dos Trevos e a Formação de Flores Astrais</u>
		<u>Fadas Suíças e seu Trabalho nas Flores Selvagens</u>
		<u>A Fada Discipulo e o Deva Instrutor</u>
V	<u>O Trabalho dos Espíritos da Natureza</u>	<u>Sobre as Funções do Espírito da Árvore</u>
VI	Brownies e Mannikins	<u>Brownies na Suíça</u>
		<u>Brownies em uma Floresta de Faias, e Mannikins em uma Floresta de Larícios em Cotswolds</u>
		<u>Brownies em uma floresta de abetos em Ommen</u>
VII	O Reino de Pã	<u>Faunos na Suíça</u>
		<u>Nota de um Deva sobre o Reino de Pã</u>
		<u>Faunos, Sátiros e Centauros em Cotswolds</u>
		<u>Um Fauno Amigável</u>

		<u>Consciência Arbórea</u>
		<u>Pã e o Espírito da Terra como vistos por um Deva</u>
VIII	<u>Exemplos de Cooperação entre Devas e Homens</u>	<u>Nossa Senhora e a Maternidade Humana</u>
		<u>Natal em Huizen</u>
		<u>A Dr^a Besant no Queen's Hall</u>
		<u>“Ouve os Anjos Anunciadores Cantar!”</u>
		<u>Dia do Armistício – 1923</u>
		<u>No Cenotáfio</u>
		<u>O Albert Hall e o World Requiem</u>
		<u>Um Amigo Angélico num Concerto</u>
		<u>Purificando a Atmosfera de uma Cidade</u>

PREFÁCIO

A recepção dada ao livro *Fairies at Work and at Play (Fadas Trabalhando e Brincando)* me encorajou a publicar algumas notas de meus estudos clarividentes adicionais sobre o reino das Fadas. Espero que este segundo livro possa, mais que o primeiro, ajudar o leitor a entender melhor o reino dos devas, tendo sido escrito sobre um assunto e com um método de pesquisa que me eram inteiramente novos. Meu objetivo ao fazer estes estudos adicionais foi antes o de contatar a consciência do anjo e da fada do que descrever e catalogar suas formas.

Àqueles a quem a idéia da clarividência como um meio de pesquisa é nova, eu diria que a Teosofia ensina (vide *Clairvoyance - Clarividência*, de C.W.Leadbeater; *Man, Visible and Invisible – O Homem, Visível e Invisível*, de A.Besant e C.W.Leadbeater; *Introduction to Yoga - Introdução ao Yoga*, de A.Besant) que este sexto sentido está latente em todos os homens, e um dia será usado como um meio natural de cognição; ainda, que é possível, pelo autotreinamento, despertá-lo de sua latência para a expressão ativa, e usá-lo como meio de investigação.

Os métodos de treinamento ensinados pela Teosofia não têm nada em comum com os da mediunidade e do transe; eles almejam o uso consciente desta faculdade, depois de desenvolvida por meios da expansão da consciência obtida pela meditação, e pela sensibilização dos veículos de consciência a fim de que possam expressar os resultados de tal expansão.

Meus estudos me levaram a considerar os devas como potenciais colaboradores do homem no cumprimento do plano de Deus, e prevejo um tempo quando cada instituição, religiosa ou secular, e cada casa, possam ser centros onde prevaleça a cooperação entre estes dois reinos, cujo resultado será uma expansão do ideal de fraternidade para incluir os devas e os espíritos da natureza em uma Fraternidade verdadeiramente universal de anjos e homens.

O REINO DE DEUS

Em Nenhuma Terra Estranha

"Oh mundo invisível, nós te vislumbramos,
Oh mundo intangível, nós te tocamos,
Oh mundo incognoscível, nós te conhecemos,
Inapreensível, nós te agarramos!
Deve o peixe nadar para encontrar o oceano,
A águia se alçar para encontrar o ar –
Para que perguntemos às estrelas em movimento
Se elas ouviram algum rumor de Ti por lá?
Não lá onde os sistemas rodopiantes se escurecem,
E pairam nossas concepções nubladas!
O agito das asas, sendo ouvido,
Bate às nossas portas seladas.
Os anjos guardam seus antigos lugares; -
Vira uma pedra apenas, e salta uma asa!
E tua face se espanta
Perdendo a coisa esplendorosa.
Mas (quando tão triste, não se poderia entristecer mais)
Grita; - e sobre tua desolação tão profunda
Brilhará o movimento da escada de Jacó
Unindo o Céu e Charing Cross.
Sim, na noite, minha alma, minha filha,
Grita, - subindo ao Céu pelas beiradas;
E eis Cristo caminhando sobre as águas
Não do Genesaré, mas do Tâmis!"

Francis Thompson

CAPÍTULO I

Devas

Genius Loci

"Duas vezes chegou, aquela Presença! – uma vez na gruta
Perto do campo de macieiras na colina além –
E agora de novo, junto do regato
Ao entardecer. Ai, se os pulos do coração pudessem provar,
Duas vezes nestes prados, que eu senti um Espírito se mover
Que não era da Terra! Veio silencioso,
Um êxtase vivo sem nome,
E pareceu-me transformar todo o ar em Amor.
E então, oh de onde? Densas florestas já conheci
Que eram igualmente ricas, mas não tinham este raro encanto,
Prados tão floridos que mais não se pode conceber, e montes também tão verdes.
É algum Deus, algum Gênio do lugar
Que freqüenta, imagino, este ponto, e o ama,

E exala seu amor sob forma daquela graça difusa."

E.A.Wodehouse

O Deva de um vale em Cotswold

4 de agosto de 1925

Este vale, que tem cerca de 3,5 quilômetros de comprimento e 1,6 quilômetros de largura, está a cargo de um deva da natureza (a palavra *deva* significa *ser brilhante*, e é o nome indiano para anjo; *deva* e *anjo* são usados em todo este livro para designar a mesma ordem de seres) que parece ter vindo para cá a fim de adiantar a evolução da vida do vale. Embora seja ele mesmo um espírito da natureza e, portanto, estaria interessado primeiramente na evolução dos reinos elemental e vegetal, ele também tem um grande interesse nos habitantes humanos do vale, e quando pode trabalha também por eles.

No entardecer do dia seguinte à nossa chegada, subimos as colinas que se erguem no fim do vale até um ponto de onde podíamos abranger com o olhar os campos, casas e florestas de que é composto. Enquanto estávamos sentados contemplando a pacífica e formosa cena, o deva mostrou-se; pairando no ar sobre o topo das árvores diante de nós, deu-nos as boas-vindas ao vale.

Quando visto pela primeira vez, ele parecia ter mais de três metros de altura, e sua aura se irradiava de seu corpo até uma distância de cerca de 90 metros em toda sua volta. Depois de nossa conversa, contudo, ele a estendeu ou espichou até que atingisse toda a largura do vale, incluindo o pequeno regato que corria através dele; então ele se moveu lentamente vale abaixo, tocando cada coisa viva em seu interior, dando a cada uma um pouco de sua força magnificamente vital. Sua face é nobre e bela, seus olhos são deslumbrantemente brilhantes, e se parecem mais como dois centros de força do que olhos, pois não são usados do mesmo modo que os nossos, para a expressão de pensamentos e emoções. Expressou um benevolente cumprimento de boas-vindas, não só através do sorriso que abriu seus lábios, mas através de todo o seu ser: ele irradiou suas boas-vindas sobre nós, assim como ele dissemina seu poder purificador e estimulante sobre todo o vale. As cores de sua aura estão brilhante e constantemente mudando, à medida que fluem em ondas e vórtices para fora da forma central. O esquema de cores se altera de minuto a minuto; agora a cor predominante pode ser um profundo azul real com vermelho e amarelo dourado e verde mesclando-se através dele e nele, fazendo remoinhos e ondas de cores brilhantes à medida que fluem em corrente contínua; agora mudam completamente – há um fundo de rosa pálido, com um leve azul-do-nilo, azul celeste e o mais pálido dos amarelos. Ocasionalmente, onde os poderosos ombros das asas são delineados em fogo dourado, ele se parece como um grande pássaro com as bordas de suas asas incendiadas pelo sol poente. Há um contínuo jogo de forças, como uma miniatura de aurora boreal, subindo de sua cabeça até alto no ar, e no meio da cabeça há um resplandecente centro de luz, que é a séde da consciência dentro da forma. Enquanto o descrevo ele subitamente sobe para o céu, onde paira tão alto a ponto de ser quase invisível. Mesmo daquela altura, contudo, ele mantém o vale dentro de sua consciência.

Seu caráter é uma combinação desusada do vívido senso dévico de liberdade de todas as limitações com a capacidade humana para a ternura, profundo interesse pelos outros, e amor.

Sinto que seguramente todo o nascimento e morte dentro do vale lhe devam ser conhecidos, e que a dor, que acompanha ambos, é aliviada por ele até o máximo de seu poder; pois vejo formas-pensamento em sua aura que o mostram acolhendo em sua radiância brilhante as almas dos que recém morreram, protegendo-os, e guiando-os a um lugar de paz; vejo que ele observa as crianças brincando, e o velho camponês descansando; de fato, ele é o anjo guardião do vale, e felizes os que vivem sob seu cuidado.

As hostes dos espíritos da natureza menores o obedecem, e vejo as criaturas da terra e das árvores e as fadas menores respondendo ao seu toque quando seu poder os toca; os elfos e brownies sentem uma exaltação súbita, cuja origem não podem compreender completamente, embora a reconheçam como sendo uma característica constante de suas vidas; as fadas sentem uma sensação aumentada de ludicidade e alegria quando ele influi nelas com sua vida radiante. Toda a Natureza parece ser estimulada por sua presença aqui. Sua influência, que dá uma certa qualidade, uma característica local, uma atmosfera especial, perceptível nitidamente em toda a extensão do vale, tem um encanto que beira o deslumbramento; isso deve igualmente afetar todos os seres humanos que vivem aqui durante algum tempo, particularmente aqueles que nascem e vivem dentro da contínua ação de sua vida áurica, e seguramente deve haver vezes em que sentem o espírito do deva sobre eles.

Uma cerimônia Dévica

Hotel Balcony, Grand Salève, Suíça

Entardecer, 4 de julho de 1925

O grupo do Monte Branco evidentemente é um centro oculto. Forças muito grandes são visíveis atuando dentro e em torno do maciço esta tarde. Parecem como línguas de fogo saindo do corpo da montanha, atravessando os lados e se lançando alto no ar. Sobre o pico central (o próprio Monte Branco) é visível uma contínua corrente de energia, como uma radioatividade intensificada; lampejos de luzes brilhantes se projetam através dele, enquanto os devas voam para frente e para trás no meio desta efusão de energia dinâmica.

Há uma cerimônia oculta tendo lugar sobre e em torno do pico, e parece que ela evocou o poder e a presença das hostes angélicas. No centro há um grupo de grandes anjos, todos armados de espadas; seus movimentos são relativamente lentos, e de caráter definido e ordenado, e parecem estar realizando algumas evoluções predeterminadas. Em intervalos, correntes de energia jorram para o ar acima como gigantescos foguetes, enquanto em toda volta, à margem do grupo central, há grupos de devas montanheses, selvagens e impetuosos. Sinto que estes devem ser os seres de quem Wagner tirou inspiração musical para as Valquírias (a ópera As Valquírias foi escrita a cerca de 1,5 quilômetros deste local), pois reconheço uma estreita semelhança entre sua vibração a da ópera. Eles mergulham sobre os campos nevados e geleiras até os níveis inferiores, passando pelos lados da montanha a grande velocidade; o grito das Valquírias é facilmente reconhecível.

Enquanto dito estas observações, aumenta a intensidade da atividade no pico, e a montanha começa a parecer um vulcão em erupção, mas sem fumaça. Vejo minha consciência sendo levada para longe no espaço, além dos confins deste planeta, e percebo que fenômenos similares aos descritos estão ocorrendo em outros pontos do sistema solar. Forças começam a refulgir de e para estes pontos, e o poder começa a descer à Terra. As “Valquírias” estão começando a se tornar mais e mais selvagens em suas atividades, como se enlouquecidas pela ígnea energia do evento; estão absorvendo-a, levando-a para lugares distantes e descarregando-a dentro da terra. Fico consciente de anéis sobre anéis, hierarquia sobre

hierarquia de hostes dévicas, grupos de poderosos seres se banhando na deslumbrante luz branca.

Agora o som é acrescentado à visão; ouço música, solene e majestosa, como a dos próprios grandes Gandharvas (nome indiano para os anjos da música); é como a música dos coros celestes, ecoando longe no espaço, cantando grandes sinfonias cósmicas.

Até onde diz respeito à Terra, todo fenômeno parece centralizado no Monte Branco; mesmo os anéis de devas parecem se erguer, círculo após círculo, verticalmente acima do pico. Neste canal assim formado jorra para cima o poder da Terra, e para baixo também flui a resposta – parecendo como um pilar de fogo cuja base descansa sobre o maciço – banhando toda a montanha e distrito adjacente em luz gloriosa. A força desce fundo dentro da Terra, e deve seguramente estar conectada com o seu espírito residente; parece como se os espíritos dos planetas estivessem se comunicando por intermédio da hierarquia dévica.

A força parece existir tão alto quanto o plano causal e provavelmente além, enquanto produz efeitos prodigiosos também no nível astral. As vibrações astrais resultantes são claramente perceptíveis nesta distância (isto é, quase cinqüenta quilômetros); elas vêm como ondas periódicas, que passam varrendo, e se perdem na distância. Posso vê-las, ainda se espalhando longe pelo vale do Reno abaixo. No nível mental o efeito é de alcance ainda maior, embora pareça, por contraste, ser menos poderoso e mais concentrado no centro. A corrente descendente não se parece mais como sólida, mas se assemelha a fogo líquido, branco e azul prateado.

Agora a corrente se alargou consideravelmente, e deve incluir todo o grupo do Monte Branco. Um número incontável de devas o circundam em fileiras cerradas, e também há uma constante passagem para dentro e para fora, chegada e partida; tudo o que vive, incluindo a própria montanha, fica maravilhosamente vivificado, enquanto que muitos dos devas parecem literalmente intoxicados. Comungando com a consciência de um que passava, vejo-me eletrizado por uma sensação de energia sem limite, de poder irresistível, que eu devo desviar rapidamente através do espaço para o lugar onde estou ou alguma outra parte do planeta.

Agora finalmente a cerimônia parece estar chegando ao seu término, o número de anjos assistentes diminui; dispersam-se, viajando agilmente em suas várias direções, cada um fulgurando com o poder que recebeu, até que enfim somente os próprios oficiantes centrais permanecem; a sensação geral de hiperatividade elétrica começa a se desvanecer, embora o próprio fulgor da luz sobre o cume não diminua.

Se alguém pode tirar conclusões de uma única experiência deste tipo, seria a de que os devas usam o cerimonial como um meio de evocar e distribuir poder, e que eles têm uma parte importante na comunicação interplanetária.

CAPÍTULO II

Silfos

Espíritos da Natureza do Vento e das Flores

Coneyhurst Hill, Hurtwood, perto de Ewhurst

17 de abril de 1926

Estamos sentados na margem de uma floresta constituída de larícios e pinheiros muito velhos, que cobre esta colina de arenito; das rampas ao sul podemos ver um vasto panorama do belo interior, que se estende até South Downs.

Uma atmosfera de alegria e jocosidade espontâneas pervade toda a atividade dos vários membros da evolução dévica que se encontram nestas redondezas.

Há um forte vento sudoeste, no qual os silfos são vistos brincando; suas cabriolas consistem de corridas longas, rápidas e diretas no vento por quilômetros e quilômetros até que se perdem na distância; ou de rotações, volteios, e súbitas partidas verticais, seguidas por mergulhos de tirar o fôlego, que cessam abruptamente logo acima do topo das árvores, e de novo seguidos de subidas igualmente rápidas milhares de metros no ar. Aqui e ali, grupos se juntam em uma selvagem dança aérea, com suas auras se projetando atrás deles como se sopradas pelo vento, seus olhos selvagens de excitação; intoxicados de alegria, dançam em grandes círculos, subitamente formados e subitamente desmanchados, exultando no poder e energia vital de que seu lar aéreo está carregado nesta maravilhosa manhã de primavera.

Sob estas condições eles perdem freqüentemente toda a semelhança com a forma humana, parecendo se tornar turbilhonantes massas de força e energia vital, nas quais subitamente aparecem graciosas formações do feitio de asas, longas curvas fluentes, uma sugestão de braços ondulantes, e de cabelo fluuando no vento; muitas vezes aparecem dois olhos coruscantes, e uma face de beleza transcendente, combinando em sua expressão um ar completamente impossível para o gênero humano, exaltação, êxtase intoxicante, e uma virilidade e poder ferozes. Agora mesmo um se detém, pairando tão perto que parece encher os céus com sua aura brilhante e dominar todo o campo de visão com sua dinâmica presença; num átimo já se vai, desaparecendo na distância remota, cobrindo léguas e léguas das “vastas savanas azuis” em um único segundo; ele parece guiado por uma energia e carregado de um poder sobre os quais ele mesmo não tem senão controle parcial, como se tivesse se embriagado tão profundamente de vitalidade aérea – do poder do vento que sopra ao longo dos descampados, fazendo os abetos cantarem com aquela longa e soluçante canção que é tão estranhamente parecida com o distante murmúrio do mar – que era incapaz de manter uma posição estacionária.

O contato com a consciência do silfo nestas condições me sugere um estado de energia concentrada similar àquele encontrado dentro do átomo; produz a sensação de compressão, de um ponto de quase explosão, de energia incalculável, atemorizante em sua potência, embora inofensiva porque confinada a canais prescritos de fluxo. Fico quase oprimido pelo contraste entre esta vívida existência e nossa vida humana na carne, que parece tão torva e limitada dentro destas formas humanas pesadas e irresponsivas. Mesmo no nível mental, por exemplo, eu não teria chance alguma numa corrida com um silfo, pois enquanto eu estivesse ainda planejando partir, ele já teria alcançado a linha de chegada. A própria matéria de seu corpo é viva e infusa de energia e movimento; pareceria que, enquanto para nós é preciso exercitar a vontade para nos movermos, com alguém como ele, que recém encheu e inundou a atmosfera perto de nós com sua vívida presença, o oposto é verdadeiro, pois parece quase impossível permanecerem parados.

Mas enquanto tento esta descrição, sou forçado à conclusão de que isto deve se restringir a certos membros da família dos silfos, pela esplêndida visão de um deva pairando, relativamente imóvel, a cerca de 700 metros acima do solo. Com cinco a seis metros de altura, ele é banhado de uma radiante opalescência branca, que parece atuar continuamente através e sobre ele. Estudando este fenômeno mais de perto, a força, da qual ele é uma expressão, parece brotar de dentro da forma central – humana, e como se revestida desta radiância branca – ao longo de toda a altura e continuamente fluir para fora em ondas para as bordas da aura. A cor predominante muda continuamente, como a de uma opala que é atingida pela luz do sol, embora infinitamente mais delicada; agora um azul, agora um rosa, agora um verde-maçã suave, atravessam e inundam toda a aura, enquanto que a nobre cabeça e face

permanecem num rosa delicado. Os braços estão levemente estendidos para os lados; nesta atitude, com o poder emanando dele em todas as direções e alcançando distâncias variando de nove a dezoito metros desde a forma central, este grande deva “paira” no alto do céu. Ele parece uma vez ter pertencido à ordem dos silfos e ter evoluído para além da sua raça. Em volta, acima e abaixo dele, brincam seus irmãos mais novos, fazendo sua pose mais marcada pelo contraste com sua ágil mobilidade, seu rápido deslocamento através do espaço.

Uma vez mais a ordem hierárquica é revelada, pois ele parece ser um deva avançado, de algum modo responsável pelas vidas e progresso evolucionário de seus irmãos. A despeito da intensa concentração dos níveis superiores de sua consciência, ele conscientizou-se de minha tentativa de contatá-lo, e seu reconhecimento em resposta encheu-me com tanto de seu poder quanto sou capaz de receber. O efeito é interessante de observar; meus corpos astral e mental – temporariamente iluminados – tendem a se arranjar em uma disposição algo semelhante à sua própria; sua força “desce” dos níveis causais e emerge de dentro de meus corpos astral e mental, carregando-os com poder e então fluindo para fora até as bordas; mesmo aqui embaixo no físico denso atua uma forte vibração.

O deva é o centro de considerável atividade entre os silfos, grupos dos quais estão continuamente se aproximando dele; parece que alguma forma de comunicação tem lugar entre ele e os demais, após o que eles partem para suas várias esferas de atividade. Alguns deles são devas da natureza e estão ligados ao reino vegetal. Embora sua consciência seja ativa nos níveis mentais inferiores, sua forma é visível no astral, e a maioria daqueles que se aproximam dele o fazem neste nível. São devas de bosques e árvores, brilhantemente coloridos, muitos dos quais mostram em suas auras a forma e cor da árvore ou bosque a que estão ligados; alguns deles evidentemente são associados a árvores frutíferas ora em floração, e suas auras apresentam as cores do pomar ou da árvore em plena florada.

Evidentemente a associação do espírito da natureza com uma árvore tem o efeito de imprimir a forma da árvore em sua aura, seja por um sistema de repercussão ou através da forte auto-identificação mental do espírito da natureza com a árvore; deste modo eles parecem carregar seu trabalho com eles até seu chefe, que assim pode observá-lo, e corrigi-lo, bem como influenciá-lo diretamente.

O leitor pode ter alguma dificuldade em conceber um deva, cuja aura contenha a forma e cor de, digamos, uma macieira em flor. Seguindo um destes espíritos da natureza até seu trabalho, vejo que ele se “estabelece” dentro da árvore, o que lhe permite envolvê-la completamente com sua aura. Aparentemente ele fica nesta posição por consideráveis períodos de tempo, influenciando o desenvolvimento da consciência vegetal, bem como a de espíritos da natureza menores, pela contínua atuação de suas próprias forças vitais mais vívidas. Como resultado deste método de trabalho, a contínua atuação das forças vitais da árvore – ao longo das linhas fixas do tronco, galhos, ramagem, folhas e flores – se imprime na aura. O efeito é dos mais belos quando um número destes espíritos da natureza sobe juntos de um pomar, levando no ar duplicatas de suas incumbências junto com eles; enquanto pairam, ainda mantendo-se mais ou menos juntos, cada um subindo e descendo um pouco, são formadas ondas destas réplicas brancamente floridas; então, como se sob algum sinal, toda a companhia se mobiliza e sobe até dentro da aura do deva, levando consigo a atmosfera de beleza, alegria e a frescor primaveril da Natureza recém-desperta. Ele parece inspecionar e então abençoar; algumas vezes ele envolve um indivíduo ou grupo mais intimamente dentro de sua aura e os mantém lá, liberando-os mais tarde. Eles parecem um vôo de magníficos pássaros quando voltam aos seus respectivos deveres.

De certo modo isto o afeta, e sua aumenta de tamanho e brilho à medida que este trabalho prossegue. Correntes de luz procedem dele até o solo quando sua bênção é trazida através do ar por seus serviços, e todo o fenômeno de seu “trabalho matutino” começa a assumir proporções além do poder de minha pobre pena descrever, e também de minha mente compreender.

Com o risco de materializar toda a concepção, eu poderia compará-la a uma enorme empresa, cujo diretor controla e guia suas atividades através de seus muitos agentes, ele próprio permanecendo dentro da privacidade de seu escritório. Mas diferente dos negócios modernos, contudo, todo este vasto campo de trabalho é banhado por uma atmosfera de júbilo extraordinário, de completa cooperação natural e implícita aceitação do líder e obediência às suas ordens.

Do topo desta colina vemos abaixo as planícies de Surrey e Sussex, que se estendem para oeste, sul e leste, naquilo que é chamado “o jardim da Inglaterra”. A experiência que estive descrevendo me fez perceber a adequação do termo, e também deu-me uma mais larga apreciação do trabalho da hierarquia dévica no cumprimento do plano do Grande Jardineiro do Universo.

CAPÍTULO III

Gnomo e Deva

Letchworth

3 de janeiro de 1925

Durante os últimos seis meses estive consciente de que um membro da família dos gnomos, que havia conseguido obter uma medida de autoconsciência maior do que alguns de seus irmãos, tem desenvolvido um crescente interesse em nós. No verão ele geralmente aparecia assim que saíamos da casa e entrávamos no jardim, correndo do pomar através do gramado, e atraindo minha atenção com lampejos etéricos. Demos pouca atenção a ele na época, mas desde que chegou o inverno ele passou a entrar na casa. Durante nossos serões em torno do fogo, ele é freqüentemente visto brincando pela sala, passando para dentro e para fora das janelas, e mostrando tanto interesse em nós como o faria, digamos, uma ave doméstica ou um esquilo.

Ele tem exatamente cinqüenta centímetros de altura. Fui capaz de medi-lo porque sua cabeça atinge a ponta de certo ornamento nas pernas do piano. Sua pele é muito escura, e seu corpo de uma textura esponjosa, antes como o solo que foi congelado e degelou. No jardim ele costumava correr sem nenhuma roupa, embora ocasionalmente colorisse seu corpo com um verde escuro. Esta noite, contudo, noto que ele fez uma nítida tentativa de elaborar um traje, mas, curiosamente, o efeito não é produzido pelo acréscimo de vestes materializadas, mas por uma mudança na própria superfície de seu corpo, exceto no caso de sua imitação de um colarinho branco. Isto, obviamente, é um acréscimo; mais ainda, é algo a que ele parece dar considerável importância, pois quando ele se dissipa, como continuamente ocorre, ele o refaz assim que percebe sua ausência; de fato, ele não permite que se desvaneça por completo, e por ora sua contínua rematerialização ocupa uma boa parte de seu tempo. As linhas e margens de seu casaco e colete, este último completo, com botões, aparecem na textura do que corresponde à sua pele, e ele consegue uma boa medida de permanência nos contornos. Com as calças ele ainda não teve muito sucesso, e até onde posso observar ele não fez qualquer ensaio de algum tipo de calçado. Seu pescoço e braços são finos, e longos demais para o nosso senso de proporção, e sua cabeça e membros são tão frouxos e esponjosos que neste aspecto ele me lembra uma boneca de trapos; mesmo assim ele consegue em certa medida enrijecê-los à vontade, como tem estado fazendo ao executar uma espécie de dança sacolejante, através da qual dá expressão a seus sentimentos de prazer por nosso retorno de uma ausência de dez dias. Os movimentos de suas danças são uma oscilação do corpo de um lado para outro, as pernas sendo mantidas juntas e depois curvando-se para fora, primeiro para a direita e então para a esquerda, os braços ao mesmo tempo sendo erguidos acima da cabeça. Estes movimentos não provocam uma mudança de posição na sala, embora resulte num tipo de movimento vagaroso e circular.

A face é a mais desairosa, sendo quase negra, e a testa é longa e muito encurvada. Não há sobrancelhas, só pequenas órbitas e dois pequenos olhos redondos e negros como botões de sapatos, bochechas pequenas, ou antes afundadas, nariz longo e pontudo, boca larga, por meio da qual, junto com a expressão de seus olhos, ele é capaz de registrar algo de natureza semelhante a um sorriso de prazer. O queixo é pequeno e não tem forma fixa, mas varia de acordo com a expressão de sua face. Os braços terminam na aparência de um punho fechado; seus pés têm cerca de quinze centímetros de comprimento, e são pontudos.

Por mais desajeitado e estúpido que esta descrição possa fazê-lo parecer, existe um espiritozinho muito brilhante habitando aquele corpo. Embora não seja capaz de nada que se aproxime de uma verdadeira afeição, ele encontra prazer suficiente em nossa sociedade para fazê-lo esquecer de seus lugares habituais em favor do ambiente incomum do interior de uma casa. Ele é capaz de reconhecer minha esposa e a mim mesmo como distintos um do outro e de outras pessoas, e em nossa companhia ele acha um nítido prazer. Ele não é tão sensível às vibrações de nossas auras astro-mentais como o são outras ordens de espíritos da natureza, e pode chegar bem perto de nossos corpos físicos, sentindo apenas prazer naquelas vibrações a que é capaz de responder. Depois de algum tempo ele sente um estímulo definido, e algo que corresponde no mundo dos sólidos a um ardor quente percorre seu pequeno corpo. Quando isto chega a certo ponto ele parcialmente se desmaterializa, e flutua para o jardim como se, naquele estado mais sutil, gravitasse para seu próprio mundo. Assim que o efeito passa, o que acontece em poucos minutos, ele volta e caminha pela sala completamente alheio.

Olhando dentro de sua mente – por uma extensão das faculdades que me possibilitam ver sua forma – não encontro nenhuma lembrança desta experiência, nada, de fato, além de uma vaga sensação de que é agradável estar aqui. Há um reconhecimento instintivo de que o conteúdo da sala lhe é familiar, mas sem nenhuma lembrança definida de qualquer contato prévio com ela. Ele não vê nenhum objeto como nós o fazemos. Quando no chão ele vê as pernas da mobília e das pessoas; ele não tem percepção de nenhuma parte superior ligada a elas. Não sou capaz de ver como ele nos reconhece, embora ele certamente mostre uma preferência por nós, e no verão ele freqüentemente aparecia assim que púnhamos os pés fora de casa. Enquanto eu digo isto ele está bem atrás de mim, e em sua mente não há nenhum conhecimento de eu ter qualquer existência acima de meus quadris; de fato, sua concepção de mim agora parece-me ser como a de um par de calças vivo. Esta concepção o satisfaz plenamente. Se, contudo, ele me vê à distância, enxerga um pouco mais para cima, digamos até os ombros, e acima deles uma espécie de névoa brilhante. Ele tanto vê quanto sente a aura de saúde, e aprecia ficar dentro dela e receber o banho etérico.

20 de março de 1925

Depois de um intervalo de três meses ocorreu uma oportunidade de estudo adicional do gnomo. Ele tinha sido freqüentemente visto na casa e no jardim, mas, à parte uma saudação e uma olhada em sua direção, nenhuma atenção especial lhe era dada. Investigando suas circunstâncias mais detidamente, descobri que ele tem sido objeto de uma experiência especial por parte do deva que parece ocupar a posição de guardião da vida elemental no jardim e no grande pomar em torno, onde muitos milhares de jovens árvores frutíferas estão crescendo. Evidentemente este deva está muito compenetrado no trabalho de estimular a evolução daqueles sob sua responsabilidade, e sua atitude é muito semelhante à de um treinador de animais ou de um jardineiro, que poderia selecionar este ou aquele animal ou planta para um tratamento especial. Ele observara que o gnomo havia se tornado amigável conosco, e decidiu tirar partido do fato.

Um resultado disto parece ser um considerável aumento na tendência imitativa natural do gnomo. Agora ele usa um colarinho branco que parece ter-se tornado permanente, e um casaco escuro, e seus membros inferiores estão perdendo sua magreza e estão começando a se assemelhar as pernas de calças. Também percebo que estas mudanças não são produzidas na maneira usual das fadas, como uma vestimenta acrescentada, mas são

modificações reais do corpo etérico do gnomo. Mais notável que todas é a mudança em seu rosto, que está se tornando nitidamente mais claro na cor e redondo no formato. De início eu pensei que um espírito da natureza inteiramente novo havia entrado na sala, mas de fato é o mesmo amiguinho, pois a natureza e forma do gnomo são facilmente detectadas “sob a pele”. Sua inteligência está nitidamente mais viva, e sua autoconfiança aumentou muito, pois ele subiu em meu joelho, embora não sem algum receio, a julgar pela expressão de sua face. Eu vejo agora que ele não faz isso por vontade própria, mas sob uma forte sugestão, quase hipnótica, do deva que está observando. Eu estava pouco consciente fisicamente no momento em que ele subiu ao meu joelho, pois eu estava tentando contatar a mente do deva; senti então um tremor, uma frieza peculiar e um peso levíssimo em meu joelho, que atraíram minha atenção – e eis que lá estava o homenzinho. Ele não pode ver o deva, pois não possui visão astral, mas reconhece uma influência familiar, e obedece instintivamente às sugestões que a acompanham.

É evidente que em seu estado normal os gnomos são influenciados quase inteiramente pela consciência grupal, e que todas as suas atividades, na verdade todas as suas vidas, são expressões de impulsos instintivos que afetam toda a tribo. Só quando sua atenção é muito atraída para algum objeto externo, e a consciência é atraída para a forma etérica, é que existe uma semelhança de autoconsciência, e mesmo então é muito passageira. Para eles o progresso evolucionário é marcado por um gradual aumento no poder de consciência externa, na duração do tempo em que podem mantê-la, e por um aumento no grau de sua autoconsciência.

Auxiliado pelo deva, vejo que por fim chega um tempo em que o sentido de autoconsciência se torna relativamente permanente e o gnomo de todo esquece sua tribo e por conta própria empreende algum trabalho ou se compraz em diversões. Isto descreve, e explica, o fato mencionado em meu primeiro livro sobre as fadas, de que os gnomos eram encontrados solitários, bem como em grupos. Ele diz que é possível a individualização do estágio de gnomo diretamente para as fileiras dos silfos, embora isto não seja usual, geralmente entrando em um reino elemental intermediário durante algum tempo. É difícil conceber o gnomo escuro e terrestre se tornando uma fada, mas o deva diz que não é incomum, e que, quando chega o tempo da mudança, o gnomo passa a ter mais e mais interesse em plantas, flores e árvores, gradualmente perdendo seu caráter terrestre e sua afinidade com este elemento, e assumindo as características das fadas. Lembro com interesse como eu costumava ficar confundido de ver gnomos ligados a árvores e portando asas, mas parece – e o deva o confirma – que estes eram estágios de transição. Ele explica que depois de passar por esta metamorfose, o gnomo se encontra em uma das famílias de fadas maiores, como as ligadas a árvores ou os tipos maiores de plantas floríferas; raramente, se isto chega a ocorrer alguma vez, ele inicia este novo ciclo de evolução aérea como uma das fadas menores como as que foram fotografadas – pois ele é nitidamente superior a elas na escala evolucionária.

No caso particular que estamos estudando, a idéia parece ser a de trazer o gnomo para um contato com a humanidade tão próximo e constante quanto possível; o deva acrescenta “numa atmosfera onde atuam influências ocultas”. Em outras palavras, ele está fazendo uso do fato de sermos estudantes de Teosofia e do elo que todo membro da Sociedade Teosófica tem com a hierarquia oculta que governa o mundo. Ele diz que as mudanças produzidas ocorreram em cerca de quatorze meses, e que ele começou a experiência no início do ano passado. Ele também põe o gnomo em contato freqüente com nosso jardineiro, e vejo que o gnomo o segue por aí e brinca por perto dele enquanto ele trabalha. Ainda que todo o caso tenha um lado nitidamente humorístico, o deva o toma muito seriamente.

O deva em si é um indivíduo muito reservado e, embora amigável, tende a me considerar como uma parte útil em sua experiência, e mais como um acessório para ela do que como uma pessoa; de seu ponto de vista, toda a vida das fadas do jardim e pomar é afetada em grau considerável pelas vibrações teosóficas provenientes casa; parece que nossas meditações e práticas de cura enviam influências para o jardim, que ajudam a evolução dos reinos

elementais. Isto é o motivo de o deva estar interessado em nós e tentar tirar todo o partido possível de nossa presença aqui. Ele é benévolo, embora peculiarmente distante, sendo interessado quase exclusivamente em seu trabalho sobre seu próprio reino da Natureza.

Toda esta propriedade de trinta e três acres está inclusa em sua esfera de influência, embora não em sua verdadeira aura. Seu método me recorda aquele empregado pelo deva da floresta de Nateby, descrito em *Fairies at Work and at Play (Fadas Trabalhando e Brincando)*. Ele trabalha principalmente de uma posição central no ar sobre a propriedade, em uma altura de onde ele pode convenientemente manter toda a área sob sua influência. Ele a isolou nos níveis mental, astral e etérico, enclausurando-a dentro de “paredes” construídas pelo poder mental. Ele emprega dois métodos: um é derramar uma influência estimulante geral de seu próprio Ego em toda a propriedade, estabelecendo uma condição para as fadas similar à que uma estufa provê para plantas; ele também está em contato com fontes de poder espiritual, das quais ele é um canal para seus irmãos mais jovens. O outro método é por uma expansão de sua própria aura, cujas forças ele permite atuarem em várias partes do jardim e sobre diferentes grupos de espíritos da natureza. Ele é um perito neste trabalho, usando sua aura com a mesma facilidade com que usamos nossos membros; ele facilmente cobre um acre de terreno de cada vez, e aumenta seu brilho e densidade, afetando seja o todo, seja parte dele, à vontade.

Embora ele trabalhe nos níveis da forma, sua consciência se estende aos mundos sem forma, onde é visto como um Ego de considerável adiantamento. Ele percorre os três planos até o etérico com grande facilidade, mantendo ao mesmo tempo sua atividade no nível Egóico, e seu contato com seus pares e superiores. Ele usa seus veículos com tal liberdade, e é tão obviamente mestre em seu trabalho em cada nível, que não parece possível que o livre fluxo de poder e consciência entre o Ego e a personalidade jamais seja rompido ou ameaçado; nisto ele difere consideravelmente de seus irmãos humanos que, em seu reino, estão fazendo esforços correspondentes. O tremendo impedimento de possuir um corpo físico e de ser parcialmente aprisionado nele se torna muito óbvio nesta comparação, e o excessivo efeito limitante e aprisionador do corpo físico denso é percebido quase dolorosamente. Na consciência dévica não vejo nada que corresponda à dor, desapontamento, depressão, medo, raiva ou desejo; nem há qualquer sinal de tensão, ou daquele intenso esforço que é requerido por nós para sobrepujar a inércia dos planos inferiores; nem ele tem que resistir àqueles apelos da natureza inferior pelos quais o aspirante espiritual humano è freqüentemente assaltado. O conteúdo de sua mente parece ser, primariamente, um intenso interesse intelectual em seu trabalho, que se mostra pelo brilhante amarelo dourado, que é a cor predominante em sua aura, o afeto por aqueles a seu cargo se mostrando como rosa, o interesse em seu progresso e a extrema adaptabilidade se mostrando como verde-maçã com lampejos de verde esmeraldino, tudo irradiado por fortes correntes de um branco vívido e incandescente, que representa o ardor de sua natureza, estimulado e suscitado pelas forças superiores para as quais é um canal.

Não é fácil estimar seu tamanho, já que varia muito; quando primeiro o vi esta tarde ele havia descido até estar parcialmente dentro da sala, e então ele pareceu ter cerca de dois metros e meio, no que se refere à sua forma verdadeira; mas no ponto a que retornou, tendo liberado as forças áuricas que havia detido temporariamente, ele parece muito maior – talvez três metros e meio, enquanto que sua aura se expande até quase quarenta metros em toda a volta no nível astral, e de vinte e sete a quarenta metros no mental; é mais ou menos ovóide na forma, ainda que sem margens definidas claramente, mas ele pode estendê-la três ou quatro vezes seu tamanho natural, ou fazer que todas as suas forças sejam direcionadas para baixo e para fora para atuarem na área a seu cargo. Ele parece gravitar naturalmente em um ponto cerca de 30 a 40 metros acima do solo. Sou inclinado a pensar por este exame mais detido que ele realmente está interessado em nós, não digo ligado, ao seu modo dévico; pois há um nítido sentimento de seu fraterno reconhecimento de nós, e agora que ele está menos concentrado em seu experimento com o gnomo (que volta e meia ainda fica brincando pela sala), sua formosa e nobre face agora se suaviza em um sorriso; em resposta à minha promessa de ajudá-lo em seu trabalho, de minha maneira humana limitada, ele estende sua mão

abençoando, e enche-nos por um momento com sua energia vital.

CAPÍTULO IV

Fadas

Em Cotswolds. Um campo de trevos

2 de agosto de 1925

Há um tipo de espírito da natureza aqui que pertence ao verdadeiro tipo da fada, e parece estar intimamente associado com o trevo. Tem forma feminina, usualmente cerca de noventa centímetros de altura, mas capaz de expansão até a estatura humana. Esta faculdade de expansão está sendo exercida em uma medida maior do que eu já observei antes, e é muito freqüentemente usada entre os períodos de “trabalho”. Para o propósito de uma descrição mais detalhada, escolhi uma fada que se aproximou de nós e paira com seus pés logo acima dos botões do trevo. A forma é completamente coberta pela fluente túnica áurica; há uma túnica por baixo ou por dentro, verde pálida, de uma textura quase como chiffon, através da qual é vista em certos momentos a mais vaga sugestão de uma forma rosada, quando ocorrem mudanças na direção e forma do fluxo das forças áuricas. Sobre esta túnica interna, e mescladas a ela, há faixas na cor da flor do trevo, as quais, passando através da aura, aparecem sobrepostas ao verde; elas não assumem uma forma permanente, embora sugiram linhas fluindo a partir dos ombros, descendo juntas até a cintura e então se expandindo novamente à medida que fluem para os lados para as porções inferiores da aura.

Mais uma vez se mostra a capacidade de imitação, pois quando tento fazer uma observação precisa esta fada que descrevo começou a imitar o casaco austríaco que visto, usando a cor malva do trevo para fazer o casaco. Ela é muito destemida e amigável, e “paira” a cerca de um metro e meio de distância, possibilitando-me assim ver claramente que bela criatura ela é. Fluem forças de sua aura de um ponto correspondente ao plexo solar, que parece ser uma parte vital de seu “corpo”; é de cor amarela dourada, e brilha como um sol miniatura; suas radiações parecem finas linhas douradas correndo por toda a aura; partem de ambos os lados do pescoço e fluem até a margem da aura, sugerindo vagamente umas asas. Há um outro centro na cabeça, de cor branca prateada, de onde, também, irradiam-se correntes de forças – principalmente em direção ao espaço acima da cabeça; isto representa a atividade astromental, e está constantemente mudando de cor e forma.

A cabeça é a de uma jovem, cabelos e sobrancelhas castanho-escuros, a face belamente arredondada, de aparência louça e saudável; o cabelo é usado longo, e flui para trás e para baixo desde a testa, e se dissipa em uma corrente de força áurica; a forma dos membros não é visível através da verde túnica áurica descrita a cima, mas os pés são guarnecidos de botinas delicadamente modeladas que sobem até a coxa, cujas aberturas superiores se estendem como pétalas de uma flor acima dos quadris, que parecem estar envoltos em meias verdes. As pétalas são de um tom de verde levemente mais escuro, e há um toque de amarelo em certas partes, embora sua posição seja mutável. A túnica verde a que me referi antes é muito ampla e frouxa, e sendo de uma textura extremamente diáfana, está em constante movimento, como se soprada continuamente pelo vento ligeiro. Ocasionalmente a forma central se torna inteira e claramente delineada. Sua disposição é jovial e brincalhona. Ela estende ambas as mãos diante de si, como se nos convidando a juntar-se a ela em algum jogo de fadas entre os trevos.

Agora ela faz gestos de grande beleza que se sucedem com agilidade inexcelável. Posso

observar três deles. Ela começa trazendo mãos e braços juntos completamente estendidos para baixo à sua frente, as palmas se tocando, os dedos estendidos. Ambos os braços então fazem um movimento circular para os lados e para cima, pausando por um momento na altura dos ombros e se encontrando novamente bem estendidos acima da cabeça. Mantendo as mãos juntas, ela traz os braços lentamente para baixo, bem estendidos à sua frente até a primeira posição, a partir da qual ela repete o processo. Ela agora reverteu este movimento e acrescentou mais dois raios de círculo através de pausas de uma fração de segundo com os braços abertos a meio caminho entre a horizontal e a vertical. O efeito disto foi o de estimular a atividade do centro do plexo solar em tal grau que toda a aparência de túnica descrita antes desaparece, assim como toda semelhança com a forma humana dos ombros para baixo, deixando só os centros do plexo solar e da cabeça com suas radiações de forças fluentes. Ela vitalizou-se com estes gestos, que constantemente repete, e aos quais está acrescentando outros tão rápidos que é impossível acompanhá-la. Agora ele está estendendo ambos os braços – um para a frente e um para trás – formando assim novamente raios de um círculo em posições a meio caminho entre a horizontal e a vertical; mas enquanto os “raios” do primeiro exercício descrito formavam um disco achatado de frente para o espectador, estes últimos adicionam uma outra dimensão à figura, e dão os diâmetros de uma esfera completa. É interessante notar que as mãos e os dedos são mantidos completamente estendidos e que as linhas de força saem deles até uma distância de cerca de vinte centímetros, aumentando consideravelmente a beleza do efeito. A esta altura ela chegou a um estado de exaltação; ela construiu, pelo movimento de seus braços e mãos, uma esfera completa em torno de si mesma de pouco mais de dois metros de diâmetro, na qual há dois focos - um no plexo solar e um na cabeça - mantendo a mesma posição relativamente entre si e a forma esférica, como os dois focos gêmeos de uma elipse. A face e os braços ainda são discerníveis, mas toda outra sugestão de aparência humana se desfez; há simplesmente um globo de força expansiva, cuja borda é claramente definida. Além desta margem há um cinza perolado tremeluzente que também consiste de linhas de força irradiantes.

O contato com sua consciência, nesta condição, dá a sensação da mais radiante felicidade, de uma intensidade de prazer muito além de qualquer estado humano normal. Ao contrário dos espíritos da água que, tendo atingido o ápice de exaltação, imediatamente descarregam a força de que estão cheios, ela parece ser capaz de manter este estado. Agora ela está saindo da forma que criou, subindo lentamente para acima dela para um nível superior do plano astral, como que desaparecendo nele, até que a consciência, deixando o brilhante globo flutuar imóvel no ar, escapa e aparentemente retorna para a alma-grupo. A forma ainda permanece vívida, clara e radiante.

Com o intuito de experiência, dirigi uma corrente de força para dentro da esfera; ele penetrou e passou através dela sem resistência, e sem perturbar a forma, e eu tive a sensação da mesma estabilidade que se acha em um giroscópio. A forma não resiste à passagem da força através dela, mas resiste a qualquer esforço para mudar sua forma ou posição; por exemplo, eu tentei elevá-la no ar sem sucesso.

Há globos similares a este em diferentes partes do campo, e fadas, como esta descrita, com variações de tamanho, cor do cabelo e compleição. As que de fato estão trabalhando nos trevos mergulham dentro deles, imergindo no duplo astral da plantação, incluindo dentro de si mesmas uma área de 45 a 70 cm. Elas permanecem neste estado por algum tempo, então ressurgem, pairam um pouco no ar, voam para outra parte do campo, e repetem o processo. O campo tem aproximadamente dois acres de extensão, e deve haver pelo menos uma centena de fadas trabalhando nele.

Um dos efeitos de seus esforços é estimular a consciência astral daquela parte da alma-grupo vegetal que está encarnada neste campo. Parece evidente que quando uma planta atingiu o estágio de florada, a consciência animante está em seu estado mais ativo; então ela é muito responsiva ao estímulo provido pelos membros da hierarquia dévica. Pode-se quase sentir uma espécie de tensão ascendente da consciência da planta em direção à fada naquela área na

qual ela está trabalhando, e certamente há um estímulo do processo evolucionário.

(Dez minutos mais tarde). O globo da fada ainda persiste. No presente eu não vejo na mente da fada qualquer propósito especial para a formação do globo; há, é claro, a alegria criativa natural na produção de um objeto belo. Sem dúvida é dado algum uso a estes globos, embora no momento eu não possa descobrir sua finalidade; talvez eles formem reservatórios de força que gradualmente é descarregada na alma-grupo vegetal.

Um grupo de fadas agora está dançando em torno do globo particular que estive descrevendo, banhando-se em sua atmosfera radiante e obtendo evidente prazer da contemplação de sua beleza. Elas fizeram um círculo completo em seu redor, e executam evoluções como as de uma dança campestre. Estas, por sua vez, estão produzindo uma forma; à medida que dançam estão construindo uma taça em forma de pétalas, na qual descansa a esfera; as pétalas sobem mais e mais, até que atingem um nível logo acima do topo da esfera, criando uma belíssima forma floral de cerca de 2,5 a 3,5 metros de diâmetro e de 2,5 metros de altura - uma espécie de flor-modelo no plano astral, uma coisa de beleza gloriosa e de proporções perfeitas. À medida que observo, as pétalas crescem ainda mais e gradualmente se fecham acima do globo. A dança e canto das fadas - eu não ouço o som, mas a partir do movimento de suas bocas e expressões de suas faces, presumo que estejam cantando - se tornam mais selvagens, como se o clímax estivesse se aproximando; elas subiram para acima do solo e continuam a circundar a forma que criaram, na altura de quase um metro, com suas cabeças jogadas para trás, seus cabelos esvoaçando, o róseo lustro de seus membros aparecendo à medida que dançam. Suas poses e gestos são belíssimos.

Durante estas evoluções, seus olhos permanecem intencionalmente fixos nas pétalas, pois para cada uma parece haver uma fada responsável. Elas estão exercitando um poder construtor de formas, em cuja aplicação elas parecem peritas; cada uma mantém intensa concentração, o olhar fixo no ponto mais extremo até onde as pétalas cresceram. Agora as pétalas pendem em curva graciosa para o centro, onde gradualmente se encontram e unem. As fadas subiram até o topo, ainda dançando e cantando, ainda com seus olhos sobre a sua obra; fizeram uma complexa forma floral, não exatamente esférica, mais estreita na base do que no topo, onde é quase plana; sua forma é singularmente bela, e as linhas das pétalas originais, embora agora todas estejam unidas em uma só, ainda são visíveis. Elas elaboraram uma concha envolvente de puro branco iridescente, tinto aqui e ali das cores verde e do cravo; através dela brilha tenuemente o globo que ela contém.

As fadas rompem seu círculo em um ponto, abrem-se em uma linha, movem-se através do campo para outro globo, em torno do qual iniciam um processo similar. Isto ocorre em diversas partes do campo onde a essência elemental está sendo modelada em formas como a primeira. Assim nascem e assim crescem as "flores" do plano astral.

Grand Salève, perto de Genebra

5 de junho de 1925

Aqui há um tipo de fadas que parece não ter a forma humana usual, mas que, embora possa ser capaz de produzir uma, aparentemente não o faz, contentando-se com uma face e uma cabeça. Ao mesmo tempo, a aura é muito mais densa onde a forma deveria existir, e a atividade ali é muito maior e diferente daquela no resto da aura; esta mostra uma contínua série de mudanças cromáticas, sugerindo uma roda girando rapidamente com faixas de cor levemente curvadas do centro para a circunferência, cruzando-se à medida que giram. Cada faixa parece ter várias cores diferentes, e ter um movimento próprio além do movimento circular geral. O movimento das faixas é um pouco parecido ao abrir e fechar de tesouras, e dá a impressão de um contínuo fluxo de cor para dentro e para fora do centro. Todas as cores do espectro estão presentes em seus tons mais suaves, e a todo momento são produzidas muitas combinações maravilhosas; esta atividade não é somente bidimensional, mas tem um efeito de

pelo menos três dimensões.

Uma fada em particular que estou observando é uma criatura fascinante e charmosa; mais ainda, de modo algum ela é avessa seja à nossa companhia seja ao meu escrutínio. A face parece à de uma jovem camponesa muito formosa, e está continuamente entretida em sorrir do modo mais cativante. Há grande número destas fadas nas colinas, todas muito parecidas em aspecto, embora variando um pouco em expressão e na cor do cabelo. A variedade de cabelo bem escuro parece ser mais séria, e algumas delas têm uma expressão bastante imperiosa. A compleição é branca, só com um pouco de cor.

Embora possam subir alto no céu, elas permanecem na maior parte do tempo logo acima do topo das gramíneas longas, ocasionalmente descendo para uma touceira de flores selvagens. Quando o fazem, a forma de fada desaparece, e a aura se expande para incluir a planta, ou touceira, conforme o caso. De certa forma pode-se dizer que elas velam pelas plantas que cuidam, embora também as animem, de modo que elas são duplamente animadas - primeiro pela sua própria vida evoluindo, e segundo pela consciência de longe mais vívida da fada. Enquanto sua aura está assim tão expandida, percebem-se nela certos movimentos rítmicos que sugerem uma respiração. Em alguns casos a aura se estende consideravelmente além da periferia da touceira e então se contrai para um tamanho menor com um ritmo amplo e lento, mas em outros parece ser quase um frêmito, relembrando a rápida movimentação das asas de uma borboleta. Tentando tocar sua consciência enquanto ela fazia aquilo, percebo que sua idéia parece ser aproximar-se do centro da vida formadora da planta. A fada experimenta grande prazer fazendo isto, e tem a sensação de ter derramado algo de sua própria natureza e vitalidade nas flores. Quando termina ela eleva-se no ar e paira em um estado de quietude e semi-reposo, enquanto sua vitalidade é renovada.

A esta altura consegui entrar mais satisfatoriamente em seu mundo. O ar contém enorme número delas, e indivíduos descem e desempenham as atividades que descrevi, enquanto outros são vistos subindo depois de as terem completado. A altura média a que sobem no ar deve ser algo em torno de 5 a 6,5 metros, embora algumas voem para muito mais alto; nos níveis mais altos há um movimento mais lateral; provavelmente nesta altitude, digamos de 350 metros, é que elas viajam. O panorama é indescritivelmente belo, e sua atmosfera é encantadora. Não consigo ver se elas têm outra ocupação qualquer além destas descritas. Sem dúvida elas estão muito ocupadas neste período do ano. Aquela que descrevi primeiro ainda está perto de nós e, numa inspeção mais minuciosa, percebo levíssimas sugestões de braços, mas não de corpo, pernas ou asas. A porção densa da aura provavelmente tem cerca de 2,2 metros de altura.

Em Cotswolds

7 de agosto de 1925

Tenho estado muito interessado em observar um espírito da natureza que nos tem submetido ao mesmo tipo de escrutinização que estamos acostumados a fazer sobre seu povo.

Ela é um deva não-individualizado, em um estágio entre a fada e o silfo, possuindo algumas características de ambos.

Embora ela primeiro aparecesse como que caminhando através da floresta densa, e ainda agora esteja pairando entre os topos dos pinheiros que olhamos, ela não parece estar associada definitivamente com as árvores, certamente não está ligada, para fins de trabalho, com nenhuma árvore ou grupo delas. Imagino que ela seja uma fada de flores que esteja passando adiante para uma vida aérea como a dos silfos, e que o tempo de sua individualização esteja chegando rapidamente. Seu corpo é composto da matéria dos subplanos superiores do astral, muito fina, tênue e bela. A forma e maneiras verdadeiras são as de uma vivaz colegial. Neste momento sua aura se parece muito com nuvens semoventes

de cor, através das quais passam continuamente ondas e tremulações de luz em intervalos regulares. Ela já tem uma estabilidade bem maior do que a possuída pelas fadas comuns, e evidentemente é capaz de permanecer relativamente imóvel no ar por um longo período de tempo. Ela vê nossos duplos astro-mentais muito claramente, mas ela precisa alguma concentração maior para ver nossa forma física, e mesmo então sua visão é bem vaga.

Tentando contatar sua consciência, percebo que ela vê principalmente o duplo astral de todos os objetos do plano físico; uma árvore, por exemplo, aparece para ela como uma escura forma central, que corresponde à forma física, interpenetrada e rodeada de uma pálida luz cinza, que eu presumo ser o duplo-etérico, rodeado por sua vez de uma aura astral violeta, que se estende cerca de 15 cm para além da forma física. Para ela, cada árvore é como um motor, dentro e através do qual a força flui do plano astral, vivificando-a e iluminando-a, mantendo-a viva, no seu ponto de vista; e, é claro, ela está certa; pois sem isso ela não poderia viver. Para ela é como se a árvore estivesse desempenhando, em grau muito maior, uma função similar àquela que atribuímos ao átomo físico. Ela vê na raiz da árvore, logo abaixo no nível do solo, um vórtice dourado de energia, onde a força entra do plano astral, e do qual ela passa para todo o corpo da árvore. Ela não parece saber nada dos processos físicos; de qualquer modo, ela não está interessada neles, estando firmemente convencida de que são secundários em relação aos astrais, e relativamente sem importância. Se eu pudesse colocar suas idéias em nossa linguagem - ela rejeitou minhas referências aos processos físicos dizendo: "É o fluxo de forças vitais que importa". Ela diz que *sabe* sobre os processos do plano físico mais do que nós, de fato, sabemos sobre o *seu* lado vida.

Agora ela está tentando entender o que a posse de uma forma física significa para nós, e o que significaria para ela. Ela exerce uma influência "atrativa" sobre mim, como se tentasse saber se poderia deslocar meu corpo. Assim ela atrai e puxa a frente dos meus corpos astral e mental até que toquem os seus - estando ela a uns doze metros de distância - mas ela poderia tentar quanto quisesse, pois não pode exercer nenhuma impressão real sobre o corpo físico denso. Sua consciência, em relação ao movimento, é completamente preenchida com a idéia de resposta instantânea que a matéria dos planos mais sutis sempre dá a um ato da vontade; de fato, isto ocorre muito mais no deva do que no humano, pois a matéria de seus corpos sutis parece ser mais vitalizada e elétrica do que a dos nossos. Ela descobriu isso tocando minha aura, que lhe pareceu pesada. Ela mantém uma porção dela em contato consigo mesma, e a examina como faríamos com uma peça de tecido. Tentando unir nossas mentes em alguma extensão, consegui fazer com que ela sentisse a inércia do corpo físico. Ela é muito maior para a sua consciência do que para a minha; para ela a sensação é como a que teríamos se tivéssemos um corpo de chumbo.

Agora ela está se agitando no etérico tentando produzir movimento, e estou ajudando-a a manter um contato com o corpo físico denso tão próximo quanto possível. Por um momento ela sente uma angústia de pânico, e então uma sensação de estar sendo enterrada viva, de desesperado aprisionamento; ela faz enormes esforços para elevar o corpo físico no ar, e isto tem o efeito de esticar o duplo-etérico do corpo e enchê-lo de luz; também faz o físico sentir-se um pouco mais leve, produzindo a curiosa consciência, que se tem às vezes em sonho, de que apenas um pouquinho mais de esforço nos faria flutuar. Neste contato muito íntimo com ela me parece estar como que afrouxando a associação com meu corpo e perdendo a coesão de seus átomos. Eu pensaria que um poderoso deva individualizado poderia transmutar o corpo físico em uma espécie de contraparte astral - talvez seja isso o que acontece nos desaparecimentos. Ela se afastou de novo, e evidentemente foi profundamente afetada pela experiência. Entre as muitas sensações que isso produziu nela está a de espanto, de que possamos suportar perpetuamente este aprisionamento. Ela não parece saber nada sobre a vida e morte, ou mesmo sobre a liberdade durante o sono; eu tentei explicar estas coisas para ela. Nossa vida parece irremediavelmente complexa, e ela não pode entender como pudemos escolhê-la em vez da simples existência dévica - pois eles não dão a ênfase indevida sobre a "forma" como nós fazemos. Ela diz: "Ser incapaz de correr livre pelo ar, saltar à distância, disparar através de um vale, e ter de arrastar tão pesada e lentamente um corpo tão rude é pior do que a não-

existência". Julgando a partir do seu presente estado mental, não parece ser provável que ela seja uma das que se transferirão do reino dévico para o humano, mas devo admitir que para mim o inverso é muito tentador.

Agora recém tentei dar-lhe uma idéia sobre os Mestres; ela, traduzindo a idéia para o seu próprio reino, pensou em algum tipo de superdeva, algum arcanjo líder de cuja existência ela parece estar consciente. Neste momento o deva do vale apareceu por trás dela, sorrindo, maravilhoso, em toda sua radiosa beleza, e envolveu-a em sua aura, levando-a para perto de seu lado esquerdo. Isto a encheu de grande felicidade e de um senso de exaltação. Ela ficou ali só por um momento e disparou para longe, exaltada pelo contato, correndo livre como uma criatura das selvas. A relação entre eles parece assemelhar-se muito à existente entre discípulo e Mestre no reino humano.

Na mente do deva do vale parece existir um claro conhecimento das etapas evolucionárias pelas quais passa seu reino, e antes imagino que tenha sido ele quem colocou a fada e eu em contato, talvez para educação mútua. Ele também é consciente de haver superiores, da ordem hierárquica de sua raça. Uma tentativa de entender sua concepção elevou minha consciência para os espaços extraterrestres. Hesito em descrever a visão que se seguiu porque traduzi-la parece materializá-la e rebaixá-la demais.

Vejo uma longa mesa coberta por uma toalha de luz brilhante, no centro da qual existe uma cruz. Em ambas as extremidades estão sentados grandes seres espirituais da ordem dévica. De cada extremidade parte uma linha de devas, subindo cada vez mais nos céus até que se perdem e só permanece um deslumbrante esplendor, uma radiância inefável; da mesa ascendem degraus, e os devas sobem e descem por eles. Do centro da visão há um contínuo jorro de poder, em onda após onda de cores delicadas, mas vívidas; em dourado e rosa, flui para fora e para baixo, emprestando a toda a cena uma efulgência e um esplendor que estão completamente além dos meus poderes de expressão.

CAPÍTULO V

O trabalho dos Espíritos da Natureza

Durante uma caminhada na Floresta Epping encontramos o toco de uma árvore que havia sido cortada, e de cujos lados cresciam novos rebentos. Uma tentativa de entender os processos mostrou que cada rebento róseo estava conectado a um espírito da natureza, que em alguma medida era responsável por ele, e que agia como um dos elos finais em uma cadeia de consciência que subia até o deva responsável pelo reino vegetal; este espírito da natureza era mais como uma abelha do que como uma fada, e ele literalmente zumbiu em minha direção quando eu me aproximei mais dos rebentos.

Quando a árvore foi cortada, a maior parte da consciência retirou-se, embora, devido ao fato de que a raiz deixada sob o solo ainda estava viva, alguma porção foi deixada permanecer. O toco de uma árvore não é um meio particularmente responsivo, mas quando, na devida estação, os sensíveis rebentos novos apareceram, eles forneceram um meio de expressão e expansão para a vida residente; embora a consciência vegetal em evolução penetre em cada célula, existe ainda um centro astro-etérico no meio do toco, logo abaixo do nível do solo, onde as raízes começam a se projetar, e que se parece como um globo de luz amarela, de 10 a 15 cm de diâmetro; correntes fluem para fora dele, dando a impressão de uma grande flor dourada com pétalas afiladas arranjadas em círculos concêntricos, ficando sua cor cada vez mais pálida à medida que aumenta a distância do centro.

No coração desta "flor" a força está constantemente emergindo do astral para o etérico, formando um vórtex que emite uma vibração etérica; isto produz "som", que é formador, e em grande medida governa a forma de qualquer crescimento que ocorre debaixo de sua influência.

Por uma curiosa operação da Natureza, quando esta vibração contactou minha aura, produziu nela uma forma arbórea miniatura, o arquétipo da árvore.

Aparentemente um processo semelhante a este ocorre na consciência dos devas construtores de todos os graus; cada um, de acordo com sua capacidade e desenvolvimento, obtém deste modo uma compreensão do trabalho que tem de ser feito, tanto em cor como em forma; nas ordens inferiores de espíritos da natureza este processo é quase inteiramente instintivo, e provavelmente só é autoconsciente no deva individualizado. À medida que prossegue o crescimento, mais e mais da consciência do vegetal é expressa, de modo que as vibrações do centro se tornam mais complexas; novas "notas" são acrescentadas, cada uma chamando o espírito da natureza construtor adequado, vivificando o tipo de matéria que lhe corresponde, e produzindo a forma na qual aquela matéria deve ser construída.

A amplitude vibratória deste centro de vida particular tem pelo menos 4 metros em todas as direções, e assim é formada uma esfera especializada na qual as várias ordens de construtores envolvidos - chamados ao local pela "nota" que é a nota-chave de sua própria existência - encontram condições que são perfeitas para o trabalho que eles têm de fazer. Entrando na esfera, os construtores se materializam até o nível etérico no qual o trabalho deve ser feito, absorvem o material que está vibrando em sua própria frequência e, tendo-o especializado pelo contato consigo mesmos, descarregam-no no molde ou fôrma etérica, que é a expressão da vibração.

Através destes meios, e destes agentes, o crescimento gradual da árvore tem lugar.

Sobre as funções do Espírito da Árvore

Uma árvore pode ser considerada tendo uma alma, porque uma porção da onda vital proveniente da mônada a penetra (Vide *A Study in Consciousness*, de A. Besant) e evolui através de sua encarnação nela; sua evolução é estimulada quando um espírito da natureza se encarrega de uma árvore (Vide *Fairies at Work and at Play*, de G. Hodson). O primeiro efeito é o estímulo da responsividade na consciência sonhadora da árvore. As brilhantes coruscações da aura do espírito da natureza atuam continuamente sobre a consciência da árvore, forçando-a, no curso do tempo, a uma tosca e fraca reprodução dentro de si mesma destas vibrações. A verdadeira sensibilidade da árvore física a impactos externos aumenta, e com isso aumenta a resposta da sua consciência a estes impactos.

O espírito da natureza, sendo muito mais evoluído, parece também agir como elo, ou canal, para energias de níveis superiores de consciência, e assim preenche uma função que é um pálido reflexo daquilo que o Ego é no homem, ou seja, uma lente, um foco, ou canal, entre o espírito e a matéria. Isto é possível para o espírito da natureza porque ele já adquiriu considerável medida de autoconsciência desperta, que é o fator essencial.

Pode ser dito que cada alma-grupo vegetal está sob responsabilidade de um deva avançado, sob quem atuam os espíritos da natureza. Este sistema hierárquico está em operação em todo o esquema de evolução dévica até as fadas e os construtores de formas que atuam no reino vegetal, estando o todo sob o controle do deva da alma-grupo. Ele, por sua vez, serve e obedece a algum grande arcanjo de nosso reino vegetal terráqueo, o qual, conhecendo o plano na mente do Logos, transmite suas instruções através do vários graus, até mesmo às menores criaturas etéricas que constróem e animam a estrutura material.

Pode ser que o trabalho do espírito da natureza sobre uma árvore por um longo período de tempo seja um sacrifício, e constitua um meio de evolução mais rápido, uma senda de serviço, de fato. Este, como todo verdadeiro sacrifício, não causa nenhuma dor real, embora um senso de limitação possa estar presente nos planos inferiores. Passando a residir em uma árvore, o espírito da natureza parece unir-se a toda a vida celular da árvore, tornando assim homogêneo o que era antes heterogêneo; pode, portanto, ser considerado como uma expressão da alma

da árvore, embora ao mesmo tempo seja uma entidade separada.

Disto veremos quão íntima é a relação entre espírito da natureza e árvore, e como a evolução de ambos é acelerada por esta estreita 'função Pitri' (Vide *The Building of the Cosmos*, de A. Besant) [*Pitri*, pai, antepassado; há várias classes de Pitris; aqui o autor mais provavelmente se refere aos "Pitris lunares", os progenitores ou formadores dos princípios inferiores - duplo etérico, prana, corpo astral e manas inferior - utilizados pelo homem verdadeiro, a Mônada reencarnante, em sua evolução - fonte: *Dicionário Teosófico*, de H.P.Blavatsky - NT]. Possivelmente por ocasião da morte de uma árvore destas, seja pela sua idade ou pelo machado humano, o espírito da natureza, livre de sua associação, carrega consigo os resultados evolucionários da vida da árvore e fornece condições nas quais um processo de gestação pode ter lugar, debilmente correspondendo àqueles da consciência devachânica e causal humanas. Se o produto final da experiência é difundido através de toda a alma-grupo vegetal ou é conservado, e reencarna com o mesmo espírito da natureza em serviço, não sou capaz de dizer, embora eu imagine que a última opção seja uma possibilidade nos casos de consciência vegetal altamente avançada. Admiraria se um espírito da natureza pudesse não querer acompanhar a alma-embrião até completamente dentro do reino animal, e mesmo até o humano. Não sabemos o quão longe nossa relação com o reino dos espíritos da natureza pode ser traçada.

CAPÍTULO VI

Brownies e Mannikins

Petit Salève, perto de Genebra

1° de junho de 1925

Os brownies por aqui se vestem de cores muito mais vivas do que quaisquer outros que eu tenha visto na Inglaterra. Há grande número deles nas colinas, e sua maioria usa chapéus violáceos brilhantes, de formas variadas, um leve casaquinho e calças de couro marrom-avermelhado; suas faces são largas; todos têm barba, e têm pequenos olhos negros e redondos. Seus corpos são bastante baixos e largos, e suas pernas, onde deixam o tronco, são muito separadas. Eles têm grandes mãos rústicas e vozes muito guturais.

À medida que observo vejo um pequeno grupo deles subir a encosta; alguns carregam mochilas com alças sobre seus ombros; outros, pequenos bastões com empunhaduras muito polidas; em alguns casos estes são carregados atravessados na cinta, em outros, na mão direita. Neste grupo existem de trinta a quarenta indivíduos, e sobem a colina muito lentamente e ao que parece com algum esforço. Eles conversam entre si em vozes graves e guturais, como os operários a caminho de seus ofícios, e podem ser notadas distintas variações de caráter entre eles. Não são todos rudes - alguns são bem joviais, e um deles se afastou do grupo e se aproximou de nós. Ele pára entre 7 a 10 metros longe, com as pernas muito abertas, mãos nos quadris, e olha para nós com a face brilhando de um bom-humor que é misturado a um pouco de orgulho, como se ele dissesse: "Estou aqui; olhe bem para mim. Não sou um sujeito maravilhoso?" Ele estende sua mão direita e aponta para as colinas e campos além, como se dizendo: "Tudo isso é meu; não é um lar esplêndido?" Pedi-lhe que viesse mais perto, e ele achegou-se até a distância de uns dois metros, mas no momento em que nossas emanações astrais começaram a tocá-lo ele perdeu toda sua autoconfiança, sua forma começou a perder definição, toda sua jovialidade desapareceu, ele ficou confuso, e começou a perder seu senso de identidade pessoal. Ele deu um passo para trás e correu para longe, reunindo-se ao grupo, que agora havia passado para o topo da colina. Este indivíduo não tinha chapéu e usava um avental como o dos ferreiros, preso por um cinto firmemente afivelado, no qual pequenas ferramentas de ferreiro podiam ser vistas. Eu pude distinguir um fino par de pinças e um pequeno martelo.

Agora ele voltou, tendo recobrado sua compostura, e, estando parcialmente atrás de uma moita, olha para nós jocosamente, mas com muito menos segurança. As ousadas bravatas que o caracterizavam de início haviam desvanecido completamente; antes ele agia por motivos um tanto quanto orgulhosos, e quis mostrar-se alheio a nós, mas agora ele retorna curioso e com certo sentimento de atração para conosco. É interessante notar que a cinta e as ferramentas perderam sua definição, seu perfil mal é discernível em meio a uma massa do material bruto com que foram criadas e que ainda é visível, aderindo a ele no local onde estavam as ferramentas.

À medida que o observo percebo que sua autoconfiança está rapidamente voltando; ele começa a sentir-se mais seguro de si mesmo, e passou para a frente da moita; uma vez mais ele se aproxima, mas não tão perto como da primeira vez; ele tem a mesma altura dos capins altos, isto é, cerca de 50 cm.

Para minha surpresa ele subitamente começa a cantar; ele tem uma profunda voz de barítono e sua canção consiste na repetição das sílabas "Ho, ro, ro, ro", e parece ser expressiva das alegrias da existência brownie; neste nível ela reflete bastante o mesmo sentimento da canção *A Life in the Ocean Wave*; de fato, lembrei-me imediatamente dela. Há só quatro notas - sol, mi, dó e lá - mas elas são repetidas na escala descendente na mesma relação entre si, variando a duração a cada repetição. Ele gesticula com a mão enquanto canta, apontando para diferentes aspectos do cenário. Uma tentativa de unir minha consciência com a sua mostrou-me que ele de fato não pode ver nada além do vale que separa o Grand Salève do Petit Salève; de fato, toda sua concepção da paisagem é limitada, e os capins o limitam muito; mas ele tem um forte senso de direção e parece estabelecer uma espécie de *sintonia* com o lugar para onde está indo.

Agora ele desapareceu, mas um grupo de outros homenzinhos está nos olhando com uma espécie de tímida curiosidade. Eles pertencem a uma família diferente. Eles têm rostos viçosos e jovens e são menores e mais magros do que os brownies, de modo que devem ser classificados entre os mannikins. Eles usam casaquinhos verdes debruados de amarelo, que pendem frouxos sobre os quadris. Eles pertencem a uma ordem de desenvolvimento inferior à dos brownies, sendo muito menos autoconscientes. Este povinho vive entre os capins e têm apenas 15 cm de altura. Eles se movem a esmo entre as raízes, e também fazem vôos curtos. Eles parecem ser intimamente associados e inseparáveis da grama - quase como se fossem, de fato, seu lado-vida tornado objetivo. Seria interessante saber o que lhes sucede quando o feno é cortado. Eu diria que eles desaparecem da existência objetiva até que o capim volte a crescer.

Estamos recostados contra um muro de pedra construído no flanco da colina para evitar deslizamentos. Sobre o topo um grupo de brownies nos espia, e nós parecemos causar-lhes boa dose de excitação. Há mesmo um frêmito entre suas fileiras. Um velho cavalheiro é particularmente ousado e parece ter um corpo desusadamente bem talhado e estável, pois embora ele esteja imediatamente acima e atrás de nossas cabeças, ele parece ser capaz de manter seu equilíbrio sem muita dificuldade. Ele tem uma face corada e animada, com uma velha barba cinza e fica passando informações sobre nós para os membros mais temerosos do grupo atrás dele. Alguns nem arriscam se aproximar da borda, enquanto que outros apenas espiam e saltam para trás rapidamente. À medida que eu descrevo isso o número deles vai aumentando, até que se junta uma pequena multidão no pequeno platô acima de nós; eles parecem estar fazendo uma espécie de concílio, como que esperando o retorno daquele que continua nos observando mais de perto. Agora vejo que o "barba-cinza" é aquele que percebi ser o líder do bando quando eu antes os vi subindo a colina. Ele usa um longo casaco marrom que lhe chega aos pés. Parece mais velho do que os outros, e indubitavelmente é superior, tanto em inteligência como em autocontrole, a todos os demais, e eles parecem reconhecer sua liderança. Ele tem uma vaga idéia da existência de graus em sua ordem, e sabe que é responsável por cumprir as vontades de um superior, e liderando uma tribo sua vida é em geral mais autoconsciente e menos instintiva do que a dos outros. Ao mesmo tempo ele é muito

infantil; adotou o ar de grande superioridade (como o que é costumeiro entre estes seres superiores, ou seja, nós mesmos!), e a atitude de alguém a quem se deve alguma homenagem, como resultado de sua habilidade de olhar francamente para nós. Ele não parece ter consciência da diferença de sexo; ao mesmo tempo em que ele percebe que minha esposa difere de mim, isto é, que seu cabelo é longo e cacheado, ele não pode entender que nós, pertencendo obviamente à mesma tribo, tenhamos tamanha diferença de aspecto. Minha camisa e blusão caqui estão dentro de sua compreensão, não sendo muito diferentes do que ele está acostumado, mas o vestido de minha mulher é algo novo e completamente estranho em sua experiência. Nosso grande tamanho também o enche de admiração, e é evidente que embora haja casas e fazendas espalhadas pelo vale abaixo, ele jamais teve uma concepção clara do gênero humano. Ele talvez estivesse vagamente a par de sua existência, associando-o ao lugar em que acontece de encontrá-lo, e considerando aquele lugar agradável ou não, vendo vagamente algo grande, mas não o dissociando do lugar. Sua experiência atual está-lhe causando uma decidida excitação, e seu corpinho treme com a tensão do contato próximo que ele enfim está começando a considerar demasiado para ele; isso lhe deu uma perspectiva muito ampliada, e ele jamais será o mesmo novamente. Ele me lembra o ser humano que teve uma grande visão que jamais pode esquecer, e parece provável que logo ele se libertará da limitação da existência brownie e entrará em um estado onde encontrará campos mais vastos de consciência.

Começamos a pedir uma bênção para ele, mas isto se provou ser demasiado e sua forma começou a se desintegrar, de modo que desistimos, e agora ele está deitado no flanco da colina, recuperando-se lentamente, enquanto seus irmãos mais jovens se aglomeram em redor. A consciência logo volta, e ele senta, ainda com a expressão vazia de quem teve uma visão, e pela sua aparência pareceria mesmo que sua vida jubilosa experimentou uma felicidade um pouco mais intensa, e quando ele finalmente se restabelecer será na verdade o melhor indivíduo para se estabelecer contato.

O tempo nos chama de volta e deixamos os brownies com sua conversa gutural e excitada ainda ressoando em nossos ouvidos, e com um sentimento nítido de que nós também ganhamos algo com esta experiência, que nos deu uma noção mais íntima da afinidade com as fadas, e que as tornou mais adoráveis aos nossos olhos.

Em uma espessa floresta de faias em Cotswolds

9 de agosto de 1925

Existem centenas de pequenos mannikins marrons brincando pelo espesso tapete de folhas de estações passadas com que o solo sob as árvores está coberto. Eles têm de 20 a 30 cm de altura, e variam em cor desde o verde acinzentado dos troncos das faias até o rico castanho das folhas mortas. O contato com eles mergulha a pessoa em uma atmosfera extraordinariamente curiosa. Eles têm os rostos de homens muito velhos combinados com uma mentalidade infantil e gracejos e movimentos de crianças pequenas. Eles usam casacos e calções até os joelhos de um material que se parece com a casca marrom das faias; têm longos pés pontudos e alguns usam diminutas botas. Uma característica de seu traje que é nova para mim é o chapéu; é como um capuz frouxamente pregueado nos ombros, envolvendo toda a cabeça salvo a face, e pende solto por trás, onde termina em ponta. Eles têm sobancelhas, bigodes e barbas cinza: estas últimas são, em alguns casos, aparadas em forma quadrada, em outros é mais ou menos pontuda. Sua originalidade é aumentada pela sua expressão facial, que é de seriedade e circunspeção - mas completamente a troco de nada. À primeira vista se poderia pensar que são um povo muito importante, mas observando o que corresponde às suas mentes, encontramos um vazio quase completo. Novamente eu percebo o peculiar sentido de repetição, como alguém que estivesse repetindo a mesma frase para si mesmo continuamente.

Eles parecem 'viver' dentro das árvores, onde existem entradas definidas. Elas são geralmente

pequenos buracos no tronco, freqüentemente, embora não sempre, ao nível do chão. Há grupos que parecem viver nos galhos maiores, onde eles deixam o tronco principal. Embora possam se mover no ar por curtas distâncias, eles parecem preferir andar pelos troncos das árvores. Isto eles fazem tão facilmente como se andassem sobre o chão plano. Parecem não ser afetados pela lei da gravidade, pois eles mantêm uma posição horizontal à medida que caminham para cima e para baixo perpendicularmente aos troncos. Embora suas formas sejam um sólido homogêneo sem organização interna, uma observação cuidadosa de seus movimentos parece indicar algo correspondente a um sistema muscular; isto é particularmente perceptível quando eles saltam, o que fazem amiúde por curtas distâncias. Por exemplo, os últimos 50 centímetros de seu retorno às árvores é freqüentemente coberto por um salto. A perna com que pulam certamente parece engrossar e enrijecer, para depois relaxar durante o vôo, ambas as pernas entesando quando chegam ao chão; por outro lado, a aterrizagem é perfeitamente suave, e o movimento prossegue com praticamente a mesma velocidade.

Diversos destes pequenos cavalheiros têm-se apresentado para nossa instrução, de modo que mesmo os membros não-clarividentes de sua audiência humana viram os movimentos das folhas que eles fizeram, embora seus agentes etéricos não lhes fossem visíveis. Eles parecem envelhecer, pois a principal variação em sua aparência é de idade. Bem agora um homenzinho capenga muito velho e decrépito subiu a colina, com o ar de quem inspeciona o que significa toda essa agitação. Ele não olhou para cima até que estivesse cerca de quatro metros de distância de nós, e então nos viu; quando recebeu qualquer que tenha sido a impressão que ele teve de nós, ficou visivelmente espantado. Evidentemente somos algo completamente novo em sua experiência, e é divertido ver o ar de importância e os modos infantis desaparecerem, dando lugar ao espanto; ele recua um pouco, e seus olhos se projetam de um modo que seguramente alarmaria os seus companheiros! A intensidade de sua surpresa, contudo, logo passa, e ele avança um pouco para mais perto e então se move à nossa frente para obter uma visão melhor. Quaisquer que tenham sido as suas outras emoções, ele decerto não demonstra medo; ele parece perceber e gostar do incenso que queimamos.

Embora de início eu duvidasse da precisão de minha observação, agora vejo além de qualquer dúvida que ele se apóia em um bastão do mesmo modo que o fazem os seres humanos muito velhos. Agora ele senta, dispondo-se a uma inspeção completa. Uma chuvarada breve e inesperada demonstra para mim que ele de modo algum é afetado por ela. Uma outra surpresa o aguardava. Ele agora percebe que existem três membros em nosso grupo, em vez de um só como ele supusera inicialmente. A dama que está sentada um pouco distante oferece-lhe um campo adicional para investigação; ele não parece conseguir conectá-la a nós; para ele ela parece ser um fenômeno independente tão completamente inédito como nós o somos para ele, e igualmente além de sua compreensão. Ela agora esfrega um fósforo para acender uma outra varinha de incenso e ele fica tão atônito que pula do chão e foge, escondendo-se detrás de uma árvore. É curioso vê-lo ascender involuntariamente no ar uma altura de mais ou menos 15 cm, ainda mantendo sua posição sentada! Ele volta para sua antiga posição, agora usando as mãos como meio de propulsão.

É interessante o efeito de nossas auras sobre ele. Seu pequeno corpo astral, que consiste de uma nuvem informe e quase incolor, pequena, mas apenas etérica, começa a brilhar; isto produz em seu interior uma sensação quente e confortável que ele aprecia muito; em outras palavras, nossa presença o estimula. Ele começa a perder sua sensação e também sua aparência de extrema velhice - a mudança na consciência encontrando expressão no esgar infantil que lentamente se espalha em sua face. Agora ele fica mais ousado e se aproxima para cerca de 2,5 metros de nós, parecendo ser especialmente atraído para a dama. Depois de poucos minutos ele já perdeu sua aparência de velho e fica pulando para cima e para baixo diante dela como que para se exhibir. Ele brande seu bastão, parando a todo o momento para curvar-se diante dela com sua mão na cintura. Uma coisa muito curiosa agora lhe acontece; enquanto estava se inclinando, o fazia tão acentuadamente que atingiu a posição horizontal e subitamente viu as folhas e o solo marrom, e então subitamente esqueceu tudo a nosso respeito; depois de ficar assim contemplativo por cerca de meio minuto, olhou em torno e de

novo ficou extraordinariamente chocado com a nossa presença! Desta vez evidentemente isto foi demasiado para ele, e rapidamente retirou-se para certa distância, escondendo-se na grama que cresce à margem da floresta.

Um grande número de seus irmãos gradualmente se apercebe de nossa presença e, reunindo-se em semicírculo, nos observam de dentro do bosque. Alguns ficam sentados imóveis como se paralisados, outros caminham para cá e para lá e parecem dirigir observações para seus companheiros sentados quando passam por eles; outros fazem pequenas incursões exploratórias em nossa direção, retirando-se quando o impacto de nossas auras torna-se excessivo para eles. Vejo novamente o homenzinho descrito antes; ele ainda está jovem de aparência, visivelmente excitado, e fica repetindo algo para si mesmo. Ele parece ter alguma dificuldade em permanecer no chão; ele fica pairando para cima e para baixo logo acima da grama, como se seu corpo, tornado instável, ficasse temporariamente fora de seu controle. Sobre os outros o efeito principal que parecemos produzir é um estímulo geral de suas faculdades. Embora a comparação não seja boa, o efeito é semelhante ao do álcool para quem não está acostumado a beber! Embora este efeito possa e certamente vá desvanecer-se, deixará alguma marca permanente sobre eles, produzindo um estímulo definido em sua evolução.

De fato, como o local em que estamos sentados tem sido usado freqüentemente para diversas investigações e tornou-se magnetizado, terá um efeito peculiar e, esperamos, benéfico sobre todos os membros do reino elemental dentro da esfera de sua influência. Embora sejamos muito comuns do ponto de vista humano, para os padrões dos mannikins somos sumamente extraordinários - uma distância evolucionária tão grande como a que nos separa dos grandes Chohans [Mestres principais - NT] da Grande Loja Branca.

Cotswolds

23 de agosto de 1925

Os raios do sol da tarde caem sobre uma colina gramada à margem da floresta e isto atraiu grande número de espíritos da natureza - alguns deles do bosque - que são vistos se divertindo à maneira de seu gênero. Há pelo menos três espécies de mannikins e muitas fadas. Juntos eles formam um espetáculo encantador. Entre eles há alguns pequenos homens das árvores semelhantes àqueles descritos antes, alguns são brownies, e alguns pequeninos verdes que provavelmente pertencem à grama. À observação mais atenta descubro que os mannikins das árvores diferem de vários modos daqueles vistos debaixo das faias, pois as árvores deste bosque consistem principalmente de larícios. Eles são mais jovens, menores e muito mais vivazes. Eles têm faces muito magras, feições angulosas e narizes pontudos; eles usam um longo barrete pontudo que cai sobre suas costas quando eles caminham e se estende para trás quando eles voam. A roupa consiste de um casaco bem justo e roupas interiores, e suas pernas terminam em pés bastante longos com meias que terminam em ponta. Esta ponta mole é algo novo para mim quanto à vestimenta das fadas e deve ser muito inconveniente, pois quando se movem pela grama ela se dobra para debaixo dos pés; contudo, não vejo que isso impeça seu caminhar. A cor das roupas é marrom escuro com toques de verde aqui e ali, cuja quantidade varia de acordo com os indivíduos; em alguns o longo capuz é todo verde, em outros é todo marrom; também existem outros em que a cor é algo entre estes dois extremos. A altura destes homenzinhos é de cerca de 45 cm.

Uma de suas diversões principais é 'correr' agilmente pelo flanco da colina até que estejam aproximadamente a 18 metros da floresta, pulam para frente através do ar, passam rápido por cima do muro que existe à margem da floresta, e aterrizam de 18 a 27 metros do outro lado. Eles parecem muito belos quando 'voam' pelo ar com seus chapéus flutuando para trás, seus pés estendidos para frente, a longa ponta de suas meias se estendendo além de seus dedos. Alguns estão andando rapidamente para cima e para baixo na colina, a passos larguíssimos, e parece evidente que o ágil vôo pelo ar ensolarado lhes dá grande prazer. Mesmo fracos como

são os raios do sol nesta parte do dia, eles não parecem capazes de suportá-los por muito tempo, achando necessário voltarem a intervalos freqüentes para a sombra que as árvores propiciam. Evidentemente eles não estão acostumados com a força plena dos raios solares; cujo poder, é claro, é muito reduzido sob as árvores onde vivem. Contudo, há uma outra razão para seus ágeis vôos para a mata, que eu percebi desde o início, pois, embora sejam uma necessidade, são também uma fonte de prazer.

Os brownies são muito mais pesados em sua constituição e mais jocosamente bucólicos em temperamento; são homenzinhos muito gordos, com cerca de 35 cm de altura, com a tradicional roupagem dos brownies, muitos dos quais usam à frente uma grande fivela metálica quadrada para prender seus cintos. Há uma capa curta sobre seus casacos, de margem recortada e de cor amarela, sedo marrom o resto da roupa. Eles também têm capuzes pontudos de tamanho normal. Eles têm feições jovens e densas barbas e bigodes marrons. A maioria de seus rostos apresenta largos sorrisos. Eles perambulam em grupos de dois ou três, e alguns brincam de roda. Suas danças são muito parecidas com as desajeitadas tentativas dos antigos camponeses; é divertido vê-los acelerar seu trajeto voando, ao que parece não se dando conta de estarem fazendo isto. Acabo de observar um deles cruzar o campo; ele começou caminhando, passou a correr, depois disso ascendeu acima do solo uns 15 cm e voou livremente através de uns 30 a 35 metros, ainda movendo as pernas como se corresse, o que continuou a fazer depois de aterrizar; finalmente desacelerou para um ritmo de caminhada antes de parar.

Existe alguma forma de comunicação entre eles ocorrendo o tempo todo, pois vejo - mas não ouço - muitos falando entre si, com grande quantidade de gesticulação expressiva. Eles têm pouquíssima individualidade, sendo praticamente a mesma a consciência em todos eles. Na verdade eles não têm nada a comunicar entre si porque todos eles representam uma mesma consciência, que atua de modo mais ou menos igual através de todos eles. A nota-chave desta consciência é felicidade, e esta, atualmente, é também o traço predominante nas formas pela qual ela se manifesta.

De modo similar os pequeninos mannikins verdes, de 10 a 15 cm de altura, parecem ser expressões de uma consciência intimamente associada com o capim. Eles têm pequenos rostos gordos de criança, e o resto de suas formas parece consistir de material verde, de modo que eles se vestem de roupas justas e inteiriças, e gorros de onde sobressaem levemente suas pequenas orelhas pontudas.

Floresta Eerde. Campo da Estrela

27 de julho de 1926

Na noite passada, depois dos "fogos campestres", caminhamos para fora do campo e penetramos bastante na mata de pinheiros. O sol estava se pondo em um esplendor carmesim que incandescia as nuvens e brilhava através das escuras ramagens do arvoredo. A sensação da presença do Senhor, que havia sido tão real durante todo o dia, atingiu sua culminação em torno dos fogos campestres, e o canto final dos mantrams induziu um estado de repouso em nossos corpos, dando-nos tranqüilidade de alma.

Chegamos a uma colina coberta de abetos, a qual escalamos, e, sentados no topo, contemplamos à frente os escuros recessos da mata.

A influência do evento no campo se espalhava longe em toda a região, e parecia que nesta curta distância os espíritos da natureza estavam compartilhando de nossa felicidade. Havia uma atmosfera de felicidade e gentileza neles, como se o espírito do amor universal houvesse, por algum tempo, afinado sua natureza e a tornado mais do que o usual responsiva aos sentimentos humanos de afeto. Os olhos dos silfos não brilhavam tão impetuosos, os gnomos e brownies pareciam menos espectrais e de outro mundo, e nenhum deles fugia ou se

escondia à nossa aproximação. Nossas auras estavam fulgindo com o poder e a bênção que embebe o campo em que vivemos, dormimos, meditamos, comemos, brincamos e trabalhamos. Talvez, sendo elevados pela Sua presença acima de nossos eus habituais, mais pertos de nosso verdadeiro ser, também tivéssemos sido mais aproximados destes habitantes das matas, destes membros das hostes dévicas, pois enquanto sentávamos silenciosos, cada um vivendo no mundo de seus próprios sonhos felizes, o mundo do êxtase e da felicidade supremos, no qual nosso Senhor continuamente nos eleva, muitas ordens de espíritos da natureza se aproximaram.

As matas em torno contêm uma tribo de brownies de roupas brancas e marrons. Eles têm cerca de 15 a 20 cm de altura, uma figura gorda e atarracada, com rostos muito barbudos, com jaquetas brancas e calções, meias e botinas marrons, sendo a cor do barrete pontudo a única variação, passando pelas várias cores do espectro. Estes simpaticamente sérios companheiros ficavam no vão debaixo de nós ocasionalmente olhando para cima como se discutindo entre si a nosso respeito; aos poucos alguns caminharam para nós, com um curioso movimento oscilante de seus corpos. Ao chegarem mais perto, sentiram a influência da Estrela acima de nós, e se banharam em nossas auras.

Um dos membros de nosso grupo possui um anel que foi fortemente magnetizado e ligado a um dos Irmãos Maiores, e ela estendeu suas mãos convidando que se aproximassem os espíritos da natureza, e o poder do anel se irradiou para baixo aos seus pés, envolvendo um dos brownies que havia se aproximado mais que os outros; de início ele sentiu um nítido choque e retirou-se da corrente, e desvaneceu-se parcialmente do mundo etérico para dentro do astral, tornando-se vaga e indistinta sua forma etérica; quando ele se recuperou, percebeu que, excetuando o choque inicial, a experiência havia sido nitidamente agradável, estimulando-o e dando-lhe uma sensação de expansão e de vitalidade aumentada. Então ele reassumiu sua forma brownie, andou para dentro da corrente de força e passou a se deleitar em uma "ducha", movendo-se dentro da área de influência do anel, erguendo seus braços e fazendo tudo para absorver ao máximo aquela força. Outros membros de sua família também chegaram mais perto, até mesmo se movendo por entre nós que estávamos sentados, embora parecesse em todos os casos que levavam algum tempo para se acostumarem conosco. Com a visão astral eles eram claramente visíveis em suas formas brownies, mas no nível físico eles se mostravam apenas como pontos de luz, tênues nuvens de cor com ocasionais vislumbres de suas jaquetas brancas; o solo musgoso debaixo de nós estava coberto destes lampejos de luz semoventes.

CAPÍTULO VII

O Reino de Pã

Petit Salève, perto de Genebra

1° de junho de 1925

Estamos descansando no alto do flanco do monte, tendo saído de nosso hotel, que fica a cerca de 650 metros de altitude, e subimos a íngreme vertente do Petit Salève. É um dia gloriosamente ensolarado, e quando olhamos para o vale verdejante e para a magnífica cordilheira de montanhas coroadas pelo Monte Branco à distância, o cenário parece quase maravilhoso demais para ser verdadeiro.

Muitos "camponesinhos" de caráter encantador e fascinante podem ser vistos em toda a parte nas encostas da colina. Existe uma charmosa e bem atrevida espécie de fadas que, embora infantis e ingênuas, também apresentam um traço decididamente travesso. Há também muitos pequenos faunos, fiéis ao tipo tradicional, exceto por terem faces de criança em vez da de morenos homens barbados. Também existe um tipo de espírito da natureza mais evoluído que deve estar se aproximando da individualização. Estes últimos são incomumente plácidos e calmos em sua natureza e expressão. Eles são criaturas todo brancas de altura e aparência

humanas; flutuam lentamente através dos vales, pelos jardins e para cima e para baixo das encostas das colinas, parando freqüentemente em seu vôo para permitir que seu olhar suave e gentil pouse sobre seus irmãos humanos; eles parecem ter interesse em nós, mas de um modo distanciado, com muito da mesma atitude mental com que consideramos os animais familiares atrás das grades de suas jaulas nos jardins zoológicos.

Também há pequenos brownies brincalhões, alternadamente alegres ou sérios, ora muito ocupados com alguma atividade importante, ora brincando irresponsavelmente, outras vezes formando rodas e quadrados, ou fazendo cabriolas, e, novamente, dando longos vôos saltados, acompanhados de contorções e gesticulação ridícula e grotesca.

Somos acompanhados por estes e por outros enquanto caminhamos lentamente colina acima, e tudo ao nosso redor é um incessante burburinho e brincadeiras excitadas. Agora, quando sentamos para observá-los, alguns também se sentaram à nossa volta, enquanto outros brincam na vizinhança próxima. Sua presença dá ao lugar um encanto e beleza mágicos, e produz sentimentos de grande felicidade, que quase poderiam ser chamados de beatitude se não houvesse uma jovialidade irresponsável associada. Em última análise nada importa, o tempo não existe, um lugar é tão bom quanto qualquer outro. Como não existem objetivos nem dor, nem qualquer desejo insatisfeito, não há nada a ser feito a não ser centrar toda a sua natureza no prazer, na felicidade de estar vivo.

Os faunos são de longe os mais sérios e quietos de todos estes pequenos camponeses. Eles têm os rostos e corpos de crianças de cinco ou seis anos, cabelo escuro e cacheado, orelhas pontudas, braços e troncos desnudos, pequenas pernas peludas e os cascos fendidos de animais. Há um certo ar de segredo e astúcia neles, como se estivessem sempre fazendo algum plano. Seus olhos são alongados e astutos na expressão, quando eles vêm através de suas pálpebras semicerradas. A pequena cauda é curta, com talvez uns 7 cm de comprimento, e curvada para cima; sua altura é de cerca de 45 a 65 cm. Em alguns casos, mas não em todos, a pele é trigueira, e alguns parecem mais queimados de sol do que outros. Seus braços são fortes e são usados para escalar, e com sua ajuda eles sobem nos ramos das árvores pequenas e nas rochas. Eles se movem em um passo curiosamente troteado, erguidos sobre seus pés.

Um contato mais íntimo demonstra que eles têm uma atmosfera própria, muito diferente daqueles outros membros do reino das fadas que eu já tenha observado. A mente do observador é levada de volta para eras primitivas, como se para a aurora do próprio planeta, quando todo o mundo ainda era jovem. Há uma vibração peculiar emanando destas pequenas criaturas, diferente da dos humanos ou das fadas, como se eles pertencesse a uma terceira corrente que tivesse sua origem no seio profundo da Terra.

Permitindo que a consciência viajasse para trás no tempo, em busca de entendimento maior, apareceram cenas estranhas e sobrenaturais. Imensas criaturas de proporções gigantescas sentadas meditativas, com o queixo na mão, cotovelo nos joelhos, sobre saliências rochosas. Não são nem macacos nem homens, nem elementais, mas possuem um pouco das características dos três; têm cerca de 5 a 6,5 metros de altura, possuem uma poderosa mentalidade instintiva que os eleva muito acima do nível intelectual de qualquer animal conhecido, embora seja antes uma intensificação do instinto do que um desenvolvimento em direção à mentalidade racional do homem. Eles parecem pertencer a um estrato inferior ao daquilo que hoje se manifesta na Terra, a um ramo do reino elemental onde a consciência é um reflexo abaixo daquela que conhecemos como consciência pessoal, uma terceira tríade. Diagramaticamente isso poderia ser representado como um triângulo virado para cima com seu ápice tocando o do triângulo voltado para baixo que representa a personalidade, e sua base jazendo muito abaixo em uma região de consciência que parece pertencer ao passado remoto e desconhecido da evolução. Nós já passamos tão além deste estágio que eu não disponho de meios de fazer contato e nenhum princípio em mim mesmo pelo qual eu possa estudá-lo; uma tentativa de penetrar na origem primeira destas formas me leva a um completo vazio, um

impressionante abismo de nada, do qual não emergem idéias, nem concepções, como se eu tivesse alcançado o limite inferior da consciência e não pudesse ir além; tampouco me vale neste sentido um esforço da vontade intenso. Eu simplesmente não consigo "sintonizar" naquela desconhecida e aparentemente incognoscível freqüência de vibração. Tampouco posso sentir deles qualquer vibração; embora sempre que eu tente pesquisar os primórdios desta forma, para descobrir o que constituiria uma atualização de sua evolução nos tempos de hoje em termos de um princípio superior, mais sutil, sinto minha consciência apontar definitivamente para baixo. Todo este fenômeno é extremamente intrigante e requer diversas mudanças na atitude para tentarmos compreendê-lo; por exemplo, em nossa presente evolução, a forma de uma pessoa ou coisa é a sua expressão mais densa, seu envoltório mais pesado; com estas criaturas, a forma é a mais elevada e menos densa expressão, como se o interior fosse objetivo e o exterior subjetivo, o que, como veremos, é uma inversão completa do sistema presente.

Pode-se presumir que este estado de coisas pode continuar indefinidamente, assim como a tendência ascensional do presente é capaz de prosseguir até alturas infinitas, até que se chega a um ponto onde os dois são um só, e o círculo do ser se completa. Seja como for, os sátiros e faunos parecem ter sua origem em e ser os últimos remanescentes de uma corrente de consciência mais profundamente imersa, e é isto, talvez, o que lhes confere esta vibração espectral e incomum.

Como resultado da tentativa descrita acima, os outros tipos de espíritos da natureza agora me parecem ser muito recentes, como uma pintura recém feita com o pigmento ainda úmido e brilhante. Parece haver pouca ou nenhuma comunicação entre eles e os faunos, e têm-se a impressão de que, embora geograficamente juntos, eles na verdade vivem em mundos diferentes.

Há grande número destes faunos, e eles parecem muito estranhos quando vinte ou trinta deles sobem a colina, com seus torsos nus brilhando e seus pequenos cascos pisando a encosta gramada. Enquanto eu escrevo isto, tenho a impressão subconsciente de estar sendo observado por alguma "pessoa" que eu primeiramente imaginei ser um humano desencarnado. Seu olhar me interrompeu quando eu iniciei estas observações, e eu tentei desviá-lo sem sucesso - embora, depois de algum esforço, eu já não sentisse nenhuma interferência. Agora vejo que ele não é um ser humano, mas uma outra das criaturas de Pã. No momento não posso ver seus pés, nem podia, até há pouco, ver o topo de sua cabeça, e ele se parecia bem como um homem comum com roupas escuras e uma face muito peluda e uma longa barba, sobre a qual passava sua mão. Ao mesmo tempo ele parecia sobrenatural, e vejo agora que o topo de sua cabeça é coberta por cabelo abundante e que ele tem dois pequenos chifres, um de cada lado da testa. Ele sabe que fiz essa descoberta e percebo um brilho em seu olhar e um riso sardônico em sua face, enquanto ele se apóia descuidado em um tronco de árvore com suas pernas cruzadas. Ele não se mexe, nem se comunica, apenas fica parado ali tendo prazer em minha inabilidade de fazer alguma coisa com ele e observando-nos com um interesse curiosamente distante, embora divertido. Agora ele debocha de meu fracasso, mas uma vez que ele apresenta pelo menos esta atividade, eu obtenho uma pista. Uma vez mais percebo que a consciência se assenta abaixo da forma, e não acima. Há algo de poderoso nele, e ele me parece estar bem à vontade e ser superior ao seu ambiente. Não vejo ou sinto nada além disso. Há um completo vazio.

No mesmo lugar

2 de junho de 1925

Nota de um Deva

"O Reino de Pã está lentamente se desvanecendo, até onde diz respeito à consciência humana neste planeta. Ele é o remanescente de um período enterrado profundamente na noite dos

tempos, pertencendo, de fato, a uma era anterior. A alguns de seus membros mais promissores é dada a oportunidade de adentrar o reino humano, e aquele que estivesse descrevendo é um destes, e o pensamento do que havia à sua frente estava em sua mente, enquanto ele te apreciava como um membro do reino que ele está prestes a penetrar.

"Quando tu exerces tua habilidade de rasgar o véu que geralmente esconde o povo das fadas dos homens, isto tem o efeito de abrir também um caminho da parte deles, de modo que eles, também, podem ver-te mais claramente. Quando trabalhas, estudando a vida das fadas e exercendo tua clarividência, certas forças são chamadas à atividade, que eles percebem como uma radiância a te envolver; e é isto o que atrai a sua atenção e os faz parar para escrutinar-te, do modo que tens percebido repetidas vezes. Embora normalmente o espírito da natureza não esteja interessado nos seres humanos, ele é atraído instintivamente para qualquer um que demonstre um interesse e entendimento especiais, particularmente quando este é capaz de vê-lo - um fenômeno que é incomum o bastante para prender sua atenção.

"Além disso, dos altos escalões da hierarquia dévica está sendo enviado um impulso similar ao que é perceptível do lado humano, de modo que a consciência do deva e mesmo da fada começa a responder instintivamente à idéia de uma cooperação mais estreita; eles são muito mais responsivos a tais impulsos do que os humanos, mas sua resposta é mais coletiva do que individual; de fato, todos os níveis abaixo do da individualização evoluem num sistema que corresponde muito ao da alma-grupo, embora acima deste nível o senso comunal se manifeste em um grau muito grande. As ordens da hierarquia dévica sempre são obedecidas mui prontamente, e a plena cooperação, desde o mais alto arcanjo até o menor dos construtores de formas, pode quase sempre ser obtida. Têm havido casos em que um grupo concebeu a idéia de fazer experiências por conta própria, e alguns dos seus insetos e ervas daninhas mais desagradáveis são o resultado".

Cotswolds

14 de agosto de 1925

Que a raça dos faunos não se extinguiu na Inglaterra é aparente pelo fato de grupos deles poderem ser vistos nos flancos das colinas, nas margens das grandes florestas de faias que crescem nas encostas do vale. Com leves diferenças, eles parecem ser formados sobre o modelo clássico. A parte superior é a de um jovem, ao passo que da coxa para baixo o corpo se assemelha aos quartos traseiros de um quadrúpede peludo com os cascos fendidos. O pelo é mais grosso e rústico do que o do bode; há ainda uma cauda curta curvada levemente para cima. A expressão da face é completamente não-humana, e difere também da de qualquer outro membro do reino dévico que eu já tenha visto. Debaixo do cabelo encaracolado que cobre a cabeça, dois deslumbrantes olhos de um negro profundo brilham com uma luz que não é terrestre. Além das sobrancelhas se curvarem levemente para cima, o formato das órbitas também é curvo para cima na parte lateral, e é isto, junto com sua estranha expressão, que lhes dá uma aparência extraterrestre.

Eles dão uma sensação e se parecem muito mais com criaturas de outro mundo e de uma outra época do que quaisquer outros dos membros do reino das fadas. Para a compreensão humana, é incongruente a combinação de um corpo juvenil e uma inteligência completamente desenvolvida e madura. Eles têm o hábito de bater com seus pés enquanto permanecem em pequenos grupos, entre suas selvagens correrias para cima e para baixo das colinas. Diversos estão nas margens do gramado a cerca de 18 metros de distância, com seus olhos selvagens fixos em nós. Então um deles vai partir, escava o solo com a pata, e corre célere para o topo da colina, juntando-se a diversos outros que, dentro do capinzal ondulante, se delineiam contra o pano de fundo do céu.

Novamente o fenômeno observado em Genebra se apresenta. Uma tentativa de tocar a consciência, como sendo superior e mais sutil que o corpo, falha. A busca dá em nada. De

novo a mente parece mergulhar para baixo, como se fundo no interior da Terra, e lá se encontra rodeada de formas como as do antigo mundo de Pã da mitologia grega. Aqui, bem no interior da Terra, muito abaixo dos níveis normais de consciência, existe todo o mundo de Pã, aparentemente um terceiro reino, nem humano nem angélico, um reino de formas estranhas e sobrenaturais, de animais com cabeça de homem e homens com cabeça de animal. Este reino é tão estranho para mim que minha visão precisa e clara é quase impossibilitada de atuar. Certos preconceitos humanos têm de ser postos completamente de lado. A região abaixo da superfície não é nem escura nem sólida, nem é enclausurada pela superfície da Terra como a mente humana poderia esperar. Ela é iluminada, mas não por alguma luminária física. Há uma aparência de solidez, sobre a qual os cascos podem se firmar, e ainda há níveis acima e abaixo que também formam um chão sólido para os pés de seus habitantes. Aqui eu encontro centauros, embora não possa estimar seu tamanho. Eles podem ser minúsculos ou imensos, não posso afirmar. Eles têm os corpos de cavalos brancos perfeitamente modelados, enquanto que acima dos ombros, no lugar do pescoço do cavalo, surge o torso e a cabeça de um homem. A pele é clara, o cabelo é escuro, a face é barbada, e eles parecem se comunicar em uma linguagem gutural, sendo sua conversação entremeada de sonoras gargalhadas. Certamente devem ser de grande tamanho, pois o som é como o de um baixo poderoso; mas mesmo assim, se eu volto por um momento à consciência física, eles parecem tão pequenos! Como se fossem estatuetas esculpidas no marfim e postas em uma prateleira.

Aqui tudo parece invertido, pois destas profundezas eu ainda posso ver e ouvir os faunos correndo pela superfície da Terra, que se parece como uma superfície, embora vista de muito abaixo dela; é exatamente como se as pessoas caminhassem e fossem visíveis e audíveis do outro lado do grande arco do céu.

Quão manhoso e astuto é o olhar de soslaio dos velhos sátiros enquanto eles se reúnem em suas grutas, plenamente crescidos e morenos! A idéia de uma gruta sugere uma abertura em alguma coisa, e embora pareça ser escavada, de fato não há nenhuma parede ou matéria sólida por trás. Seus olhos fulgem com um estranho fogo verde - como se um raio partisse do olho e fosse visível por alguma distância ao longo da linha de visão. Novamente recebo uma sensação de extrema antigüidade e uma estranha percepção de que por trás de tudo isso existe apenas uma consciência, um único ser, de quem todo o panorama é a representação objetiva; embora todas estas formas pareçam a princípio sólidas, elas são evanescentes, projeções temporárias de uma mente que reside muito fundo na Terra. Existe apenas uma mente por trás de todos eles, que é a fonte da estranha inteligência que rebrilha através dos olhos do centauro e do sátiro, assim como dos pequenos faunos enviados para brincar na superfície do globo.

Um Fauno amigável

Cotswolds

15 de agosto de 1925

A meu pedido um dos faunos chega mais perto e fica ao meu lado direito, enquanto eu dito estas observações. Sua presença tem um efeito peculiar sobre meu duplo etérico, causando algo como um tremor por todo ele, e, por um momento, o lado direito de meu corpo parece esfriar. Ele exala um odor leve, incomum, mas não desagradável, algo como a terra recém-lavrada. A textura de sua pele é formosamente suave, e sua cor á como aquela produzida em um homem moreno depois de um banho de sol; os olhos são maravilhosamente brilhosos e, no caso deste visitante em particular, por ora límpidos e suaves, como os de um animal, embora possamos sentir, agitando-se logo abaixo da superfície da consciência, aquela espectralidade extraterrestre mencionada antes.

O olho é conformado exatamente como o humano, embora seja um pouco maior em relação à face. Os cílios são longos e curvados para cima, e os pelos das sobrancelhas são escuros e

cerrados. A fronte é belamente modelada, e de cada lado, logo acima da linha de cabelo, se projetam dois pequenos chifres, lisos e brilhantes, e de uma rica cor castanho escura. Ele me permite tocá-los e passar a mão em sua cabeça (astralmente), e a carícia evidentemente lhe dá prazer, pois ele esfrega sua cabeça para frente e para trás em minha mão. O cabelo é mais espesso e rude do que o cabelo humano e se ajunta em torno da cabeça em cachos soltos. Os mamilos do peito e o umbigo são claramente visíveis, e o corpo é torneado e formoso. Enquanto o acariciava como descrevi antes, ele se tornou letárgico, e seu perfil vago e indistinto; ele começa a se desvanecer, e de súbito acorda, abre seus olhos, e o perfil de sua forma se torna nítido mais uma vez. Ele demonstra por mim o mesmo tipo de afeto como faria um animal sob as mesmas circunstâncias. Suas bochechas são gorduchas e muito suaves ao toque. Nariz, boca, dentes e língua são plenamente formados; o corpo, contudo, é relativamente oco, só a forma externa até uma profundidade de cinco centímetros é sólida; não posso dizer se ele é quente ou frio, porque estas condições não parecem ter correspondência no plano astral. A experiência é peculiar de muitas maneiras. Por exemplo, ele não tem aura alguma que eu possa discernir, salvo se a vaga névoa luminosa que o interpenetra e rodeia pode ser chamada assim. Ele até agora não demonstra possuir o poder de falar, ou qualquer capacidade de comunicar, além da responsividade descrita acima, e de certas mudanças correspondentes de expressão na face.

Agora ele começa a se tornar um pouco impaciente, fica olhando para seus companheiros na colina, e então para mim. Embora isso pudesse ser interpretado como um pedido de permissão para partir, não recebo nenhuma comunicação mental nesse sentido. Possivelmente o próprio corpo tem uma consciência instintiva, de onde procedem os gestos, antes do que de uma entidade pensante encarnada. A despeito desta conclusão, eu recebo continuamente a impressão de uma poderosa consciência operando *através* da forma, embora completamente distanciada; ela não dá sinal algum de atividade ou mudança, mas brilha continuamente através dos olhos, dando muito mais a impressão de poder e estranheza do que de intelecto. Esta expressão é exatamente a mesma em todos os faunos reunidos aqui, e olhando para eles em seu conjunto, sente-se que todos pertencem a um só corpo - como os cabelos de uma cabeça; eles podem variar levemente na aparência, e consideravelmente em suas atitudes e posturas, mesmo assim são todos projeções de uma só mente, a manifestação de uma única entidade; como se este ser estivesse no fundo da Terra, e sem ele mesmo mover-se, manifestasse sua existência e poder de movimento nestas formas e através delas, que são as projeções de sua consciência, ou uma externalização de seu subconsciente.

Talvez o Reino de Pã venha a provar ser parte do conteúdo da mente subconsciente do Espírito da Terra.

Consciência arbórea

Cotswolds

18 de agosto de 1925

Assim como todo animal, durante a encarnação, é um indivíduo, embora apenas temporário, assim toda árvore, durante sua vida, desenvolve uma individualidade própria. As grandes e velhas faias neste vale desenvolveram uma individualidade distinta, e deste modo possuem um senso de ser, uma pálida forma de autoconsciência.

O contato com este senso de individualidade produz uma estranha sensação, como se estivéssemos na presença de enormes e imóveis entidades, cada consciência em si separada do resto, cada uma possuindo uma certa porção de consciência própria, cada uma tendo uma atmosfera e exercendo uma influência definidas. Quando ultrapassamos o corpo físico da árvore encontramos uma personalidade, e sua consciência pode ser tocada. Agora mesmo, quando uma leve brisa agita a mata, suscitando o sussurrante murmúrio das faias e espalhando-o em suspiros por toda a mata, a consciência arbórea é consciente de sua

chegada.

Sensações inteiramente novas são produzidas em minha consciência quando eu toco sua vida interior e adentro em algum pequeno grau o reino das árvores; é como penetrar em um país estrangeiro, vendo um tipo todo novo de pessoas, e me ajustando a novos valores. Sinto que este "povo" é muito sensível aos humores da Natureza, às mudanças de tempo e estação, e que ele certamente possui consciência suficiente para reconhecê-los. Poderíamos dizer que eles sentem e reconhecem cada brisa, através de um tipo de consciência que diria a si mesma: "Ah, eis a brisa da tarde, como seu toque é agradável quando faz meus ramos ondular e meu tronco oscilar, e minhas folhas roçarem". Quase arrisco dizer que ela procura suas companheiras mais próximas para dizer "Ela voltou".

Esta consciência embebe cada ramo e cada raiz da árvore, embora seu centro pareça estar no tronco principal; ele parece sensível até as derradeiras extremidades dos ramos, de modo que cada movimento das folhas e galhos mais distantes envia uma vibração através de algum sistema nervoso embrionário, alguma linha astral de sintonia, ao longo da qual as sensações chegam à consciência central. No caso das faias, a impressão que se recebe é decididamente a de uma personalidade masculina, e continuamente me vejo pensando nelas como homens-árvores. Um contato mais íntimo revela a presença de algum tipo de pressão interna para o crescimento, a qual posso traduzir mais adequadamente como um desejo de se estender; como se a vontade divina, que está sempre pressionando para diante ao longo da senda evolutiva, se manifestasse deste modo na consciência arbórea, de maneira que o "homem-árvore" sente um desejo de se esticar mais e mais além dos últimos galhos de seu corpo físico; a sensação é semelhante à de enfiarmos a mão em uma luva, só que em vez de cinco dedos aqui há milhares. É um território estranho para a consciência humana, um território onde as árvores são cidades com seu povo vivendo muito junto, os raminhos e tufos terminais são vilas distantes e, de certo modo, o todo é visto como unido, sendo parte de uma grande consciência, o grande ser-árvore, cujas crianças são todas as árvores.

O homem-árvore é o somatório da consciência astral da árvore; e ele usa o duplo etérico da árvore como veículo através do qual ele recebe sensação física. Considerado do ponto de vista da alma-grupo, cada árvore dentro dela é vista como uma encarnação individual, variando em desenvolvimento principalmente de acordo com a idade. O uso da palavra "indivíduo" deve ser aceito com reservas, embora quanto mais eu investigue mais eu percebo que existe uma entidade definida no caso das grandes e velhas árvores, e que isto é algo que corresponde ao sentimento de família em seu próprio nível, uma consciência de relacionamento grupal. O sentimento mais forte de que são capazes resulta do vívido fluxo da força vital através do duplo-etérico da árvore; isto é uma perene e sempre crescente fonte de sensação, que deve ser traduzido como a de prazer.

Toda árvore tem um coração vital, uma espécie de plexo esplênico e solar fundidos em um só, no qual as forças vitais se derramam, e de onde são distribuídas por todo o sistema. Quando me recosto em uma grande e poderosa faia, e em certa medida entro em contato com a consciência em seu interior, a contínua vibração daquele processo é muito nítida – de fato, todo o meu corpo vibra em sintonia, e os corpos etérico e astral também são poderosamente afetados; é uma sensação ondulante e rítmica, com algo em sua fonte vagamente correspondente a um pulsar; posso ouvir o som disto, astralmente, como se a árvore fosse um diapasão em vibração contínua; isso me dá a impressão de uma nota de canto, um murmúrio afinado, vindo do próprio centro do tronco e ressoando por todo o sistema. Quando uma rajada de vento atinge a árvore ocorre uma modulação; a nota muda e varia continuamente de acordo com a intensidade e direção do vento. A brisa agora é muito leve e intermitente, e a mudança não é mais do que um quarto de tom acima e abaixo da nota fundamental.

Esta experiência suscita em mim estranhos sentimentos, não "memórias", como se eu fosse levado de volta a períodos remotos quando eu também vivia em condições similares; de fato, tudo é estranhamente e cada vez mais familiar, e, à medida que eu me acostumo às vibrações

e me torno mais capaz de me unificar a elas, quase sinto que as árvores, por sua vez, ficam cômicas de maneira vaga daqueles que as amam e admiram.

O novo ponto de vista que emerge desta experiência é que as árvores não são apenas madeira em crescimento, membros úteis do reino vegetal, ou meras características da paisagem – elas são coisas vivas e extremamente sensíveis. Elas estão se aproximando do cume de sua montanha evolutiva, se abeirando dos limites de seu reino.

As árvores que cobrem este vale têm muitos amigos vivos, e eu pareço ouvir o murmúrio de suas muitas vozes como quando vizinho conversa com vizinho entre o frescor primitivo e a imaculada e poderosa pureza do mundo arbóreo.

Torno-me consciente de uma profunda felicidade e contentamento, e me ocorre o pensamento de que a humanidade poderia muito bem tentar construir em seu caráter um pouco mais da robusta força e estabilidade, do modo de ser profundamente rítmico que caracteriza tantas das árvores.

O Espírito da Terra

- Nota de um Deva -

23 de agosto de 1925

“Todas as coisas que tu chamas de ‘Natureza’ – árvore, flor, semente, raiz, grama, montanha, monte, colina e vale – são expressões da vida do Grande Ser que tem esta Terra como o seu corpo físico. Tu podes pensar nas pedras como o esqueleto e o solo como a carne, os rios como os vasos sangüíneos, a água dos rios e mares como o sangue e as correntes magnéticas como fluindo ao longo dos nervos deste corpo – a vegetação mantendo a mesma relação para com este corpo que o cabelo para com o teu.

“Tu estás certo em supor que o Reino de Pã está incluso neste corpo, embora tenhas ainda muito a aprender sobre seu lugar ali. Pã manifesto é uma efloração da consciência da Terra, uma expressão relativamente ativa daquilo que normalmente é quiescente.

"O Espírito da Terra se expressa através da Terra como uma forma ou veículo, mas não como os humanos ou os devas o fazem, muito pelo seu movimento e atividade, mas através do crescimento e desenvolvimento de seus produtos naturais. Dizendo isso, não devemos esquecer que a revolução da Terra em torno de seu eixo e sua translação em sua órbita em torno do Sol constituem formas de movimento, que também têm sua parte na expressão e evolução da consciência do Espírito da Terra, como se tu te expressasses apenas pelo crescimento e movimento de teu corpo. Esta estupenda consciência se difunde igualmente por todo o globo, e tem seu centro no coração da Terra, e centros subsidiários em outras partes, relacionados a certas áreas especiais na superfície. É nestas áreas ou centros de força do Espírito da Terra que se reúnem as grandes civilizações. O Egito, por exemplo, é um deles. Shamballa é outro; existe outro ainda na Índia, um na Europa Central, um na Irlanda – outros onde hoje existem mares, a serem usados pelas humanidades do futuro. As hierarquias estão conscientes destes centros e os utilizam para progresso de seu trabalho. O Espírito da Terra é um ser em evolução, assim como o globo é uma forma em evolução que já passou por todos os graus de densidade, e, tendo atingido o ponto mais denso, iniciou sua jornada ascendente. As mudanças na vegetação, o crescimento gigantesco das florestas arcaicas, o desenvolvimento de novas espécies – de árvores, cereais, frutas e flores – tudo isto é expressão da consciência em evolução do Espírito da Terra. E tudo aponta para uma culminação numa unidade que integra a Vida Única que está por trás de toda forma manifesta neste planeta, e neste sentido ele é um representante do Logos. Aquele ‘estender-se’ da consciência da árvore que tu sentiste em outra tarde resulta da pressão ascendente de sua vida em evolução, assim como o fazem o vulcão e a inundação. De outro ponto de vista, ele é

a lente que focaliza a vida do Logos e a expressa como o ímpeto incessante e irresistível, o poder condutor que, estando por trás de toda forma, produz crescimento, e sem o qual haveria estagnação. A expressão de sua consciência, contudo, não se limita os reinos mineral e vegetal; já produziu outras formas, nem humanas nem animais, é verdade, mas tendo a aparência de ambos: são as criaturas de Pã. Estranhas e sobrenaturais como possam te parecer, elas são expressões naturais de certos aspectos de sua consciência; quase poderias considerá-los como suas brincadeiras, ou talvez como sendo resultados de certos experimentos que ele fez.

"Nas remotas eras do passado, antes do desenvolvimento da mente, estas criaturas de Pã eram mais objetivas, mais materiais, e de fato andaram na Terra, e ocasionalmente foram contatadas pelos primitivos homens da Arcádia. Quando começaram as grandes mudanças que o desenvolvimento da emoção e da mente trouxeram à vida humana, Pã já não foi considerado um associado desejável, e portanto foi retirado do plano material, mas ele ainda existe e pode ser encontrado ainda, como tu provaste. Pode ainda retornar mais adiante um tempo em que esta associação seja retomada. Pã estava no arco descendente quando o seu ciclo e o da humanidade se tocaram no passado: no futuro distante, quando o ponto correspondente for alcançado no próximo ciclo, Pã estará na senda de retorno.

Entre as muitas grandes mudanças que estão acontecendo, uma surgirá como resultado do que pode ser descrito como um despertar do Espírito da Terra dentro de sua forma, um despertar que trará certos aspectos de sua vida para mais perto da superfície e mais ao alcance da consciência humana. Os efeitos disto serão muitos. Um deles será o de levar os homens mais para perto da Natureza, e deste modo permanecerem simples entre a complexidade cada vez maior que tão marcadamente caracteriza a presente fase do desenvolvimento humano. O contato com ele tenderá a desenvolver o lado místico da consciência humana, e exercerá um efeito coordenante, sintetizante e unificante sobre o homem. Todos estes desenvolvimentos, embora aparentemente resultados de diversas correntes de vida, estão previstos para ocorrerem em certos períodos particulares; pois por trás da diversidade, por trás mesmo do Espírito da Terra, existe a Vontade Única que é onipotente, a Mente Única que é onisciente, e a Vida Única que é onipresente, e, coordenada por isto, a evolução prossegue irresistível, perfeitamente, em uma seqüência ordenada de eventos em seu rumo majestoso".

Obs: O deva que concedeu estas informações começou um esquema regular de ensinamentos em 1926, cujos primeiros frutos foram publicados sob o título de "A Fraternidade de Anjos e Homens".

CAPÍTULO VIII

Exemplos de cooperação entre Anjos e Homens

No Relicário de Santo Albano, na Abadia de Santo Albano.

9 de novembro de 1925

A única parte do relicário que ainda existe é a base, uma bela e altamente decorada estrutura de pedra que foi reconstruída a partir dos dois mil fragmentos no qual havia se partido o original; eles foram descobertos na ala leste da Abadia, na qual haviam sido construídos. Na parte inferior da base há orifícios quadrados, chamados de buracos curadores, dois no lado sul e um no lado norte, dentro dos quais membros doentes podiam ser inseridos; a tradição dá testemunhos das maravilhosas propriedades curativas do relicário.

A urna, que continha as verdadeiras relíquias e repousava sobre a base, perdeu-se, juntamente com seus conteúdos sagrados. O relicário agora está encerrado e protegido por uma balaustrada de ferro.

Não se precisa ser muito sensitivo para perceber que a despeito da ausência das relíquias, o relicário está mui poderosamente carregado com suas vibrações; seu magnetismo é de tal ordem que pode ser nitidamente percebido nos níveis etérico e mesmo no físico denso. Até mesmo a balaustrada de ferro está magnetizada, como logo descobri ao me apoiar sobre ela para examinar o relicário.

A investigação clarividente revelou a presença de um deva guardião de considerável estatura espiritual, grande beleza e caráter benévolo. Ele reconheceu nosso grupo como sendo de devotos de Santo Albano e, como descreverei mais adiante, auxiliou-nos no estudo de Seu Relicário.

Ocorreu-me o pensamento de que deveria ser muito limitante para um tal deva manter, através dos séculos, a guarda de mesmo um centro espiritual importante como este, e logo percebi que enquanto ele mantinha um cuidado atento sobre o relicário, e um de seus veículos inferiores ficasse permanentemente estacionado ali, sua consciência era muito livre nos planos superiores. Ele era assistido em seu trabalho por alguns devas em estágios mais baixos de desenvolvimento do que o seu próprio, e que eram largamente responsáveis pelo isolamento magnético da esfera de influência da qual o relicário é o centro. Seu alcance é de provavelmente 4 a 5 metros em todas as direções, e os devas obreiros eram vistos passando pela sua margem externa, mantendo o circuito que continuamente era quebrado pela passagem dos visitantes.

Durante o tempo de nossa permanência na sala do relicário um destes devas parecia estar estacionado na porta, que possuía também uma porta astro-mental, e que era função "fechar"; ele me lembrou do "Cobridor" de uma loja maçônica. Vi pelo menos mais um de seus irmãos, que permanecia no lado leste da esfera, onde as pessoas passavam com mais freqüência.

Cada átomo de pedra, tijolo e ferro do relicário era tão fortemente magnetizado que ele teria força bastante, na minha opinião, de sob certas condições curar os doentes. Nos buracos curadores esta força etérica estava altamente concentrada; cada uma das quatro superfícies internas de sua forma quadrangular irradiava poder para o centro, onde as quatro correntes pareciam se unir; cada uma das aberturas, portanto, havia se tornado uma área altamente carregada.

No nível astro-mental as radiações de poder do relicário pareciam fluir continuamente para fora em todas as direções, até a margem do campo de influência que já mencionei; havia um contínuo suprimento vindo de alguma fonte oculta, pelo qual seu fluxo constante e estável era mantido; ele se originou com as próprias relíquias físicas em dias de antanho, e o deva presidente nos disse que o Santo passou parte de Sua vida celeste, em seqüência à encarnação como Santo Albano, criando e mantendo os elos entre Si mesmo e o relicário, assegurando uma continuidade do suprimento de poder e ao obter a cooperação da hierarquia dévica ao longo das linhas já descritas; e que em períodos posteriores de Sua evolução Ele havia conscientemente renovado estes procedimentos, e que agora, sendo um Adepto vivo [Aquele que um dia foi Santo Albano foi Francis Bacon em uma encarnação ulterior; e tendo atingido o Adeptado, é conhecido como o Mestre Rakoczi, o Adepto Húngaro de *O Mundo Oculto*], Ele mantinha uma sintonia com o relicário nos planos internos; o deva acrescentou que havia uma probabilidade de a Abadia ser usada como um centro espiritual no futuro, e que era por esta razão, além de seu valor histórico, que haviam sido feitos tais arranjos.

Eu lhe perguntei se seria permitido e possível para nós criarmos elos físicos com o relicário, com seu poder e com o próprio deva, objetivando os diferentes aspectos do trabalho teosófico no qual estavam envolvidos os quatro membros de nosso grupo, e particularmente para curas. Sua resposta foi uma pronta afirmativa, e ele graciosamente sugeriu os meios para isso que depois empregou. Um membro do grupo, mãe de três filhos e devotada estudante teosófica e secretária de um centro da Sociedade Teosófica, usou sua aliança de casamento para fins de um experimento inicial. Depois de ser desmagnetizada, ela foi colocada sobre o relicário e o

deva imediatamente voltou sua atenção para ela. Ele parecia ter os filhos da dama em sua mente, enquanto concentrava as forças curativas do relicário sobre o anel, que gradualmente se tornou altamente carregado de um poder similar; como no caso dos outros objetos que foram magnetizados mais tarde, cada átomo que entrava na composição da aliança parecia ter sido carregado e a força resultante direcionada para cima através dos subplanos superiores do plano físico até que todo o duplo etérico do anel, assim como suas moléculas físicas, estava vibrando na frequência necessária. Depois de dois a três minutos o anel estava literalmente brilhando e tinha sua própria aura ou esfera de influência, que era muito parecida com a do próprio relicário; pareceu-me que possuindo este anel sua proprietária agora dispunha de um talismã curador, que ela veria ser de grande utilidade em suas responsabilidades familiares.

Então ele perguntou se havia alguma qualidade especial que ela gostaria de desenvolver, e ela sugeriu amor e compaixão; o deva consentindo, colocamos sobre o relicário o seu grande pregador de ouro em forma de selo teosófico. O deva concentrou sua atenção sobre ele, e gradualmente, no duplo astro-mental do selo, apareceu um pequeno centro de força amorosa em formato de coração, um fulgente coração rosado, construído em torno e ao longo das linhas de força geradas pelo Tau egípcio que existe no centro do símbolo. Quando o coração foi completamente estabilizado, foi formada uma suave esfera verde em seu redor, representando as qualidades de profunda simpatia e compaixão. O efeito deste belo talismã sobre a dama será o de construir em sua aura e caráter as qualidades de que foi impregnado, bem como fornecerá um elo pelo qual o poder do relicário, de seu deva e de seu Santo padroeiro poderão ser contactados a qualquer tempo.

Um outro membro do grupo possuía uma bela e antiga cruz espanhola de prata engastada de pequenos diamantes; ela já havia sido magnetizada, em certa medida, com o poder do grande Mestre Rakoczi, que em encarnação prévia fora Santo Albano. O deva reconheceu isto de imediato, e concordou, com um radioso sorriso, em magnetizá-lo mais. Neste caso, não foram solicitadas nenhuma qualidade especial, e ele fez a cruz brilhar com o fogo branco do Atma, dizendo à sua possuidora: “Dou-te o fogo da vontade espiritual, que te auxiliará no caminho”. Olhando-a muito de perto, ele perguntou-lhe se a Abadia e suas redondezas não lhe pareciam familiares, e pareceu sugerir que ele a reconheceria como uma reencarnação de uma antiga habitante deste distrito. Mais tarde esta dama admitiu que durante toda a visita a Santo Albano, a primeira em sua vida, ela sentiu uma curiosa sensação de já ter estado ali. Depois da magnetização de um símbolo de prata da estrela de cinco pontas inscrito em um círculo de esmalte azul, para servir como elo pessoal com o relicário e o deva, tentamos expressar nossa gratidão pelas bênçãos que havíamos recebido meditando juntos, em torno do relicário, nos grandes Mestres da Sociedade Teosófica; tentamos servir de canais para Suas bênçãos sobre a Abadia, o relicário e seus radiosos guardiães. O deva reconheceu isto com seu sorriso luminoso e, ao partirmos, usou a antiga fórmula, que demonstrou sua conexão com os Mistérios e com a Grande Fraternidade Branca: “Que possam logo atingir a outra margem”.

Além dos devas do relicário, havia um grande anjo que estava encarregado da Abadia como um todo, e que presidia sobre suas atividades como um centro da fé Cristã. Ele também era assistido por numerosos irmãos mais jovens, com o resultado de que sentíamos que a Abadia de Santo Albano de fato era um poderoso centro de poder espiritual, e que dela se irradiava sobre a cidade uma influência de paz e bênção espirituais.

Nossa Senhora e a Maternidade Humana

No decurso de alguns estudos do processo pré-natal de encarnação, recentemente empreendidos, fiquei muito impressionado pela parte importante que os devas têm na construção dos corpos sutis e físico. O caso particular que estive observando de perto, desde o quarto até o nono mês, pode ter sido um pouco incomum, já que me pareceu que o Ego que retornava era particularmente avançado e poderia estar recebendo assistência especial, pois que, em acréscimo, ambos os pais são firmemente estabelecidos no conhecimento e fé teosóficos. Não obstante, fico inclinado que muito do que deverei tentar descrever tem

aplicação geral. Quando, com estudo adicional, nosso conhecimento do assunto aumentar, espero que um relato bem mais detalhado possa ser divulgado em forma de livro.

Todo o complicado processo de assumir corpos de matéria mental, astral, etérica e física, no caso examinado, pareceu estar sob a supervisão de um deva no nível Causal ou Arupa; debaixo dele estavam seus subordinados mental e astral, enquanto que nos estágios etérico e físico sólido o trabalho de construção do corpo foi parcialmente levado a cabo por espíritos da natureza, sob o controle do deva astral.

A função do deva astral parece ser largamente a de proteger e supervisionar: ele recebe informações do deva arupa sobre o resultado a ser atingido e sobre a quantidade de Karma que lhe é necessário levar em conta, então a matéria é sob seu cuidado assimilada para dentro do corpo astral. Seu irmão no nível mental está em uma situação exatamente similar.

Repetidamente, durante as diversas observações, se tornou aparente o extremo cuidado, concentração e senso de responsabilidade com que os devas trabalham. O deva astral, por exemplo, freqüentemente envolvia os corpos astral e físico do embrião dentro de si mesmo, protegendo-o de vibrações danosas e afastando influências desarmoniosas.

Além disso, ele continuamente tentava compartilhar de sua vívida vida dévica com a criança, derramando sua força pessoal nos corpos sutis e vigiando-os perpetuamente.

Enquanto o observava trabalhando e tentava penetrar em sua consciência, durante o nono mês, pareceu como se ele de fato reverenciasse os corpos em crescimento, tão grande era o cuidado e ternura com que procedia ao seu trabalho; foi nesta altura que um novo fenômeno atraiu minha atenção. Eu vi que a aura do deva havia mudado durante o último mês; era conformada de modo a parecer um formoso manto azul lançado sobre sua cabeça e ombros, com uma das pontas cobrindo também a mãe e a criança; neste estágio a aura da criança estava largamente inclusa na do deva e se parecia a um grande ovo branco resplandecente, de cerca de 1,2 metros de altura, brilhando através das auras do deva e da mãe.

O manto azul brilhava muito mais, com um tom prateado, e a cabeça do deva se inclinava sobre ambos e seus braços os abraçavam, e o efeito lembrava irresistivelmente uma Madonna e seu filho.

Havia uma tão profunda ternura, um tal espírito maternal de amor e alegria e proteção, que fiquei profundamente tocado pela visão; procurando entendê-la mais profundamente e detectar a fonte desta forma e cor recentemente introduzidas, vi minha consciência ser elevada até o nível causal por algum poder que me atraiu e manteve nestas altitudes a que não estou acostumado, e lá eu vi Alguém tão adorável, tão verdadeiramente encarnando o espírito da Maternidade, do estado Feminil, que soube que Ela era ninguém menos do que a própria Mãe Bendita.

Ela é radiante e formosa além de toda descrição. Ela fulge com toda a glória da divindade, embora Sua "forma" seja a de uma mocinha; através de seus olhos deslumbrantes brilha uma felicidade luminosa, uma beatitude quase extática, a qual, a despeito de sua exaltação e intensidade sobre-humanas, é cheia da alegria das crianças, estranhamente combinada com o profundo contentamento da maturidade humana.

Naquele nível eu percebi que os devas vistos antes eram Seus representantes e que à medida que se aproximava mais o dia do nascimento, daquele modo Ela se aproximava cada vez mais, através de Seus mensageiros, da mãe e da criança.

Este toque íntimo gradualmente transformou a aparência do deva astral, que imitou tanto Sua aparência que em verdade ele se tornou o anjo de Sua presença. Lembrei da declaração de que assim como Nosso Senhor está presente através do Anjo de Sua Presença em todas as

ocasiões quando se celebra a Santa Eucaristia, do mesmo modo Santa Maria está presente ao lado de toda mãe no sacramento do nascimento.

Ele chega tão perto que ela realmente parece compartilhar de todas as dores do nascimento, bem como de todas as alegrias da maternidade; de fato, acredito que Ela deliberadamente se unifique com as mulheres do mundo, sofrendo com elas todas as suas dores, e mesmo sua vergonha e degradação, a fim de que Ela possa mais verdadeiramente compartilhar com elas Sua própria realização divina, Seu poder maravilhoso, Seu amor todo-abarcante.

Assim eu imagino que Ela experimente com elas todas as alegrias do primeiro amor, a juvenil beleza do despertar da feminilidade, assim como a profunda felicidade da maturidade, as alegrias da esposa e da mãe.

Tudo isso Ela resume em Si mesma até a perfeição, e, da abundância de Seu poder e conhecimento, Ela derrama-Se continuamente sobre as mulheres do mundo.

Sua influência deve aumentar o poder, a profundidade e a beleza do amor da moça por seu homem, deve dar coragem e perseverança à esposa nas horas de seu sofrimento e provação e aumentar enormemente o valor para o Ego destas expansões de consciência, estas profundas mudanças na alma que sucedem a toda mulher, em algum grau, quando ela entra no vale da sombra da morte para que a criança possa nascer.

Ela busca a perfeição do indivíduo assim como a da raça, e Ela trabalha para isso através da mulher, procurando exaltar o matrimônio e a maternidade, devolver ao homem os ideais perdidos da profundamente sagrada natureza do matrimônio e da paternidade. Ela sabe que assim nascerá uma raça mais pura, uma raça que deve dar corpos cada vez mais adequados para serem templos do Deus interior.

Nesta atmosfera maravilhosa e benéfica nos planos internos acontecem os processos de encarnação; sinto que cabe a nós prover as condições no mundo físico que sejam dignas da bênção sacrificial tão livre e maravilhosamente derramada por Nossa Senhora, a Rainha dos Anjos, a "Mãe" do Mundo.

Natal em Huizen, 1925

Ter o privilégio de estar no grande centro Europeu ou em suas vizinhanças, de ser recebido na Casa do Mestre – De Duinen – de participar nos serviços da pequena igreja de São Miguel e Todos os Anjos, é ser atraído para o verdadeiro coração da realidade.

Na verdade seriam muito toscos os sentidos daquele que não pudesse responder ao poder, à maravilha e à alegria e beleza com que o lugar está literalmente saturado.

Mais forte do que tudo, talvez, é a sensação de poder; ele pode ser sentido, à medida que nos aproximamos, até uma distância de meio quilômetro do local; em seu coração existe uma paz perfeita, uma completa tranquilidade, mas isto se manifesta exteriormente como um grande vórtice de energia, cujo efeito pode ser muito perturbador até que a pessoa encontre o que eu só posso descrever como a estabilidade giroscópica no coração. Ali se encontra uma tranqüila imobilidade, uma calma que nenhum agente externo pode perturbar.

O senso de maravilha é produzido por muitos fatores; para alguém que pertence ao agitado mundo externo, sobrevém um crescente sentimento de espanto, para descobrir uma grande verdade fundamental e espiritual e tornada claramente manifesta neste mundo ilusório que o hábito nos levou a considerar como existência concreta. Ali encontramos liberdade de todos os impedimentos pessoais, uma completa dedicação altruísta e impessoal, sem quaisquer pensamentos sobre o eu, sobre recompensa, sobre ambição, mesmo que espiritual, com que tão amiúde o homem polui suas oferendas a Deus. Em Huizen sentimos que não existem

fronteiras fechadas, nenhuma limitação auto-imposta em relação ao mundo exterior, como se no coração de uma grande e populosa cidade existissem um belo jardim privado, continuamente embelezado por flores adoráveis, com gramados suaves e bem cuidados, e muitas árvores sombreadas sem qualquer cerca para defendê-lo ou qualquer aviso impedindo a entrada; ao contrário, o espírito do encantador jardim dos Mestres em Huizen é o de boas-vindas a todo o mundo, para que desfrutem de suas belezas e sua paz.

Os anjos visitam Huizen. Eles vêm não apenas com o propósito de trabalhar em conexão com o centro, mas para que também eles sejam revigorados e elevados, assim como seus irmãos humanos. Parece haver um sistema de treinamento para anjos recém-individualizados trazidos por seus irmãos mais velhos, onde são banhados no poderoso magnetismo e aprendem seu trabalho e como encontrar a Senda.

Em minha experiência a respeito do reino dos anjos – mesmo que diminuta – jamais encontrei tanta amistosidade e prontidão para cooperar.

Muitos estão engajados no trabalho de defesa. Um grande centro como Huizen não é criado e mantido sem oposição. Há oposição do mundo comum, no qual ainda infelizmente se encontra muita hipocrisia, intolerância, ódio e ridículo sobre qualquer coisa que vá contra os preconceitos humanos ou esteja além de seu entendimento. Há oposição também daquelas seções da comunidade Cristã que, negando o amor todo-abarcante de seu Fundador, desdenha um “novo” movimento religioso que inclua todas as outras fés em uma única grande fraternidade, que daria livremente aos homens tanto conhecimento dos mistérios de Deus quanto o que fossem capazes de receber, que elevaria os homens das trevas da ignorância espiritual na qual eles quase parecem que se detêm por vontade própria. A oposição não vem apenas disto, mas também daqueles que deliberadamente escolheram o caminho da separatividade como seu caminho para Deus.

Durante minha breve estada, senti em mais de uma ocasião que eram feitas tentativas definidas de encontrar um lugar de penetração, uma fraqueza, uma brecha que não foi guardada, uma fresta na armadura que guarda a unidade dos irmãos que ali trabalham através da qual pudesse ser feito um ataque.

Grande como indubitavelmente é o privilégio de viver ali, também grande é a responsabilidade, pois a menos que possa ser mantida uma perfeita harmonia, um perfeito entendimento, uma completa tolerância mútua e um permanente senso de unidade em uma grande obra, a fraqueza da humanidade se manifestará e através dela o ataque será feito. Não é agradável contemplar o Karma de pessoas ou grupos que ocasionam a entrada de forças disruptivas. Até onde se pode avaliar no presente, parece não haver perigo de tal catástrofe, e os devas trabalham com uma tão perfeita unidade, um consenso tão absoluto, que sua vigilância e o feliz afeto e respeito mútuo de seus colaboradores humanos provê uma defesa impenetrável. A contemplação destas coisas produz um sentimento de maravilha.

Durante as celebrações Natalinas a sensação de alegria me pareceu ser a nota predominante; ela brilhava nas faces do sacerdote, no acólito e em toda a congregação; penetrava toda a atmosfera da estação festiva. Nunca antes o significado do Natal me pareceu tão claro e sua mensagem tão real, como se os anjos continuamente nos cantassem: “Elevai vossos corações com alegria, pois Cristo em verdade nasceu entre os homens – em verdade Ele está agora convosco!”.

A consciência do Cristo interno parecia ter sido desperta, como se Ele enfim viesse a morar no coração e, com a brilhante radiância de Sua vida, as pétalas da rosa mística comesçassem a se abrir para revelar um pouco de Sua beleza.

Nesta atmosfera de comunhão interna e júbilo, transcorreu o Natal; em 28 de dezembro [Algumas semanas depois que isto foi escrito chegaram notícias de que o Senhor havia falado

mais uma vez na grande assembléia de jubileu da Sociedade Teosófica em Adyar, em 28 de dezembro de 1925], uma nova luz pareceu brilhar sobre nós, trazendo-nos um maior sentimento de Sua proximidade física e humana, como se o significado literal do Natal fosse entendido, e aquela Presença que está em milhares de altares se aproximasse de nós, de uma forma diferente e mais humana; à medida que a semana passava este sentimento se aprofundou, e a mensagem da Estrela se combinou à da Igreja; alguns de nós sentiram que uma santa felicidade havia passado pela face da Terra, porque o Senhor havia tão graciosamente entrado em nossos corações e também veio em uma visitação externa e objetiva. Assim de fato o Natal foi um tempo de júbilo.

Onde quer que haja anjos há beleza. Huizen, sendo um centro angélico, é portanto um lugar onde a beleza está sempre manifesta. Os anjos parecem dar boas-vindas a todos os que cruzam seus portões; algumas vezes eles cumprimentam seus irmãos devotos em seu caminho para a igreja e, na noite passada, depois da bênção solene, à medida que caía a escuridão da última noite do ano, pareceu-me que dois anjos se moviam um de cada lado nosso enquanto caminhávamos para casa. Suas auras se tocavam à frente e atrás de nós, e na encantadora atmosfera de sua amizade protetora, sentimos que verdadeiramente está chegando o tempo em que uma vez mais os anjos caminharão com os homens.

Muitos eram vistos voando pelo ar de volta à igreja: talvez assim, na última noite do ano que encerrava, eles acompanhassem de volta para suas casas todos aqueles que haviam se juntado e eles no culto e no louvor.

Durante os serviços, sempre tão belos, os anjos pareciam se unir às pessoas e compartilhar de sua felicidade, mantendo um serviço unificado nos planos superiores. Verdadeiramente gloriosos foram os vislumbres que ocasionalmente captei de seu derramamento de devoção e amor, e como, em grandes grupos, eles “cantaram” conosco, até que todo o templo ocidental construído pela Eucaristia ficasse repleto com a música destes coros celeste. Além do alcance de minha visão limitada, senti outros “seres resplandecentes” mais majestosos e gloriosos desempenhando, em seus níveis, sua parte na construção do centro nos mundos internos.

Por mais estranho que possa parecer, um pouco desta beleza e santidade internas está começando a brilhar através de todos que tão zelosos trabalham aqui; às vezes quase perco o fôlego ao ver um corpo transfigurado, uma face com um brilho de santidade, como se uma transformação maravilhosa estivesse tendo lugar nos corações e mentes, assim como nos próprios átomos do corpo daqueles que, neste local, vêm regularmente para servir o seu Senhor. Eles próprios estão se tornando como os anjos, não só em aparência, mas na unanimidade de sua participação consciente no trabalho interno dos sacramentos. Firmes como estão no conhecimento da ciência da Igreja, o efeito produzido é extremamente rápido e seguro, e o templo, construído não por alguma mão, é erguido com perfeição exata e com um mínimo de esforço. O resultado de tudo isto é que na pequena igreja há uma atmosfera que só encontra paralelo em algumas das velhas catedrais da Europa, e de lá se irradia amplamente um poder e uma bênção que dificilmente se comparam em extensão até mesmo aos das maiores e mais antigas igrejas do Ocidente. No coração de toda esta beleza está o Amor, aquele Amor Divino e Perfeito que dissipa todo o medo e se irradia d’Ele que é o Coração do Mundo.

Em Huizen sentimo-nos tão perto d’Ele que em verdade somos “elevados à imensidão de seu Amor”. E assim, em Huizen, nasce a resolução de Ano Novo, de tentarmos viver de modo que Seu Amor possa brilhar através de nós com glória inalterada, não maculada por qualquer pensamento no eu, não empanada pela sombra de qualquer coisa impura, para que assim iluminados possamos de fato “exalar a fragrância de uma Vida Santa”. Das profundezas de nosso coração agradecemos àqueles Grandes Seres que deram Huizen ao mundo, pois de lá emana uma influência que, se pudéssemos apenas usá-la, transformaria este nosso mundo entristecido em uma “sempre radiante estrela de amor”.

Deixem-me encerrar esta descrição completamente pobre com a prece de São Miguel e Todos os Anjos:

“Deus todo-poderoso e eterno, com todos os nossos corações louvamos a Ti, pela glória de Teus Santíssimos Anjos; agradecemos a Ti pela grande glória de Teus Santíssimos Anjos; agradecemos a Ti por Sua sabedoria maravilhosa, Sua força suprema, Sua beleza radiante; e como Teu poder irresistível é usado sempre e completamente em Teu serviço, possamos assim, seguindo zelosos teu exemplo resplandecente, devotarmo-nos por completo à ajuda de nossos irmãos, através de Cristo nosso Senhor. Amém”.

A Dr.^a Besant no Queen's Hall, 1925

Pode-se imaginar que o Queen's Hall em Londres deva ser um lugar ideal para o trabalho especial que a Dr.^a Besant desenvolve dentro de seu recinto. O fato de por tantos anos estar sendo usado continuamente para concertos onde apenas a melhor música é executada é em si suficiente para ter gerado uma atmosfera de harmonia e beleza, e ter estabelecido uma elevada freqüência de vibração em suas imediações mental e astral. Além do mais, se lembrarmos que cada átomo físico de suas paredes e mobília tem sido impregnado, anos após ano, com a mais completa regularidade, com a vibração desta música, perceberemos que todo o lugar e tudo em seu interior estão mui altamente carregados; além disso, a Presidenta o tem usado repetidamente para sua grande série de palestras, enchendo-o com seu poderoso magnetismo e com a imensa força dos Mestres de quem ela é representante.

A barra níquelada onde ela descansa suas mãos deve estar magnetizada para sempre, de modo que quem quer que fique ali, seja para falar, cantar ou reger, deve ser afetado benéficamente.

Cerca de um quarto de hora antes de iniciar a palestra a atmosfera do salão subitamente se torna elétrica; percebe-se uma mudança e certa tensão nas condições físicas; sente-se como se fosse uma sala que foi submetida a uma poderosa e contínua ionização. De início eu atribuí este efeito ao sentimento geral de expectativa e à rápida lotação da sala, mas uma tentativa de investigar mais fundo levou-me à conclusão de que isso se deve a duas causas. Uma é que uma poderosa e concentrada atenção é voltada para o encontro pelos Grandes Seres que, sabendo que um membro e representante da Fraternidade está prestes a usá-la para incremento do trabalho em que estão engajados, voltam sua atenção sobre o cenário do trabalho dela e assim criam nos mundos interiores uma atmosfera na qual podem ser obtidos os melhores resultados.

A outra causa é a chegada e atividade de certos devas, que aparecem neste momento e assumem seus postos, alguns alto no ar acima do auditório e outros em diferentes locais em seu interior.

À medida que a palestra prossegue todo o salão se torna gradualmente envolto em um fulgurante globo de luz; de fora ele parece como uma imensa bolha iridescente, que por fim se enche de luz e cor e assume o aspecto de uma esfera luminosa sólida. Do centro se derrama em todas as direções continuamente uma corrente de luz opalina, uma fonte de poder, que emerge continuamente de dentro da esfera. Na verdade isso gera um murmúrio como se fosse um motor, dando origem a uma aparentemente inexaurível corrente de força que atinge até a circunferência da esfera, enchendo-a com um infinito número de finas linhas, de modo que se a seccionássemos ela pareceria como uma grande roda, sólida do eixo ao aro, porque os raios são dispostos extremamente próximos.

O poder parece irresistível, sobrepujando todas as outras influências diante de si, e magnetizando completamente tudo o que encontra em seu caminho.

É produzido um efeito cromático opalescente, onde cada cor do espectro rebrilha e lampeja em

tons delicados, à medida que a força emana. Toda a audiência é intimamente envolvida neste globo de luz, e cada aura e cada consciência são iluminadas pelo contato.

Este poder irradiante gradualmente aumenta seu alcance à medida que a palestra avança, primeiro englobando as primeiras filas da orquestra e platéia, e depois rapidamente alcançando as paredes externa do salão. Isso leva cerca de vinte minutos, quando parece ter lugar uma consolidação na esfera que, a princípio, era preenchida de luz e cor de modo irregular, mas agora começa a se tornar sólida.

Este processo encontra resistência aqui e ali em alguns indivíduos dispersos pela sala; pois embora pudesse parecer que toda a audiência seria levada a gradualmente sintonizar com o tema principal da palestrante, de fato isto está longe de ser o caso.

Alguns – tendo consciência tanto de um poder que os inclui em sua radiação e parece influenciar o intelecto, e de uma simpatia e entendimento que os atrai mesmo contra sua vontade – tentam se proteger desta influência. A princípio a força flui *em torno* destas pessoas, e então, depois que a esfera foi delimitada e começa a ser preenchida, começa a percutir em suas auras, gradualmente elevando seu tom – embora, é claro, muito mais lentamente do que no caso dos que respondem mais rápido.

Todos os membros da audiência são abençoados e elevados como resultado de sua presença na palestra. O efeito, é claro, varia, mas aqueles que querem e são capazes de responder, aqueles cujos corações já estão cheios de amor e veneração pela figura encanecida de quem provém todo este imenso poder são, literalmente, iluminados em toda sua natureza. Auras indolentes são despertadas, crostas de hábitos e preconceitos começam a rachar, até que, finalmente, em muitíssimos casos, todo o ser vibra em sintonia com a força emanante, sendo a aura afinada até que brilhe com um reflexo da luz que irradia de sua presença.

Além disso, cada uma das doze pessoas que sentam de ambos os lados de sua líder na plataforma faz sua contribuição especial ao trabalho que está sendo feito. Isto aparece, para meu ponto de vista, como se fosse uma corrente de cor fluindo de cada um, por exemplo, é visto um profundo e rico azul-safira através jorrar da esfera – um vermelho régio, um suave azul celeste, um formoso amarelo – pois cada figura brilha com a cor de seu próprio temperamento e raio.

A diferença de raio também se mostra de outras formas; pois aquele cuja natureza seja trabalhar ao longo de linhas científicas acrescenta à grande corrente projetando em diferentes partes da sala, e em direção a pessoas particulares, correntes especialmente dirigidas.

Da cabeça da oradora emanam ondas após ondas de luz amarela dourada, e através dela raios e fulgores de luz mais intensa lampejam continuamente. Isto é seguido pela expressão física de uma idéia.

Um outro resultado da palestra, nos planos internos, é a construção gradual de uma forma astro-mental simétrica – a forma-pensamento do pronunciamento como um todo; ela me parece muito como um castelo construído quadrangularmente, elevando-se andar após andar, desde o sólido alicerce sobre o qual se erguem sempre as suas prédicas; suas paredes brancas são banhadas de uma cor como a brilhosa luz solar dourada de alguma terra tropical. Esta forma se eleva gradualmente a partir do nível de seus ombros, crescendo lentamente à medida que ela prossegue, até que seu teto ou telhado plano chega muito mais alto do que o forro do salão, passando para fora no ar acima; ele é notavelmente bem definido, e seu aspecto de castelo é aumentado pela presença de muitas janelas oblongas, todas mostrando cores diferentes, como se uma lâmpada interna projetasse as variadas cores do espectro. Cada uma destas janelas corresponde a uma idéia, a um conjunto de fatos, ou a alguma ilustração usada durante o progresso da palestra.

Quando o pronunciamento encerra, a conexão entre esta forma-pensamento e sua criadora se rompe, e a forma se eleva alto nos céus e ali flutua, uma imagem de deslumbrante beleza, um reservatório de poder, um tesouro de idéias.

A audiência invisível é muito mais numerosa do que a visível; multidões de homens e mulheres desencarnados pairam em torno do grande salão ouvindo à fala e banhando-se no seu magnetismo estimulante, chamados de toda parte pela demonstração de poder e luz, cujo brilho é visível desde quilômetros de distância no mundo astral e atrai seus habitantes até o local.

Outras ajudantes, também, ficam perto da oradora, figuras augustas e majestosas, fazendo uso da ocasião de tamanha reunião e da força disponível pela concentração de tantos seguidores e companheiros de trabalho.

Como falei antes, a hierarquia dévica está representada em plena medida, com membros de sua raça auxiliando o trabalho; alguns permanecem por fora da esfera, como sentinelas angélicas dispostas contra as paredes que há por trás dos três andares de poltronas; eles conservam o poder, e alguns deles, depois que a forma foi firmemente estabelecida, voltam sua atenção para as pessoas, tanto as visíveis como as invisíveis, e começam a atuar definidamente nelas e através delas.

Como sou muito interessado e atraído para os devas, vejo-me respondendo mui prontamente aos seus apelos. Seu toque é sempre uma fonte de alegria para mim, assim como o é a radiosa beleza de seu sorriso de reconhecimento e agradecimento.

No início da palestra, pensei ter visto um deva em cada porta da galeria onde eu sentei, e antes, enquanto eu estava servindo como auxiliar, pareceu-me que eles exerciam uma força sobre cada pessoa que entrava, algumas vezes tocando-a diretamente, às vezes usando os auxiliares como canais, para os mesmos fins.

Com todo este esplendor no mundo invisível, poderíamos pensar que o limite de beleza e poder havia sido alcançado, mas à medida que cada grande verdade era proferida, cada bela idéia era apresentada, cada apelo especial era feito – a voz dourada ainda se aprofundando e fortalecendo-se com a intensa seriedade da mestra – resplandecia um fluxo de poder adicional; literalmente labaredas de luz cegante fulguravam nestes momentos, quando a maior oradora do mundo exercia o pleno poder daquela arte da qual ela é mestra de modo tão consumado.

À medida que o tempo passava como se tivesse asas, cada ouvido encantando-se com a magia daquela voz de beleza transcendente, o brilho da esfera de luz aumentava, até que sua radiância quase cegou meu olho interior, e nem seu esplendor diminuiu até que, enfim, a palestra terminasse e víssemos a figura vestida de branco voltando-se, deixando a plataforma, e curvando-se para agradecer o aplauso com que a mensagem foi recebida.

Não nos foi negada a alegria de ajudar em tudo isto. Há muitas maneiras em que podemos cooperar.

Há muito trabalho a ser feito de antemão, e no próprio momento, e muitos auxiliares são necessários em tão grande salão. Aqueles que não são requisitados por seu trabalho físico podem ajudar espiritualmente, chegando muito antes de a palestra começar e meditando com toda a sua força sobre o tema, tentando compreender seus aspectos espirituais mais profundos e trazê-los até o nível do entendimento geral.

Aqueles que conhecem algo do trabalho a ser feito, enquanto a estrutura de pensamento ainda está no prédio, auxiliam as pessoas mais próximas a se reajustarem ao seu ambiente altamente carregado, criando assim uma atmosfera receptiva, e aliviando um pouco – por menos que seja – o fardo de nossa amada líder. Quando a tranqüilidade e receptividade estão

plenamente estabelecidas, podemos ser usados para focalizar a força derramada aqui e ali pela sala, ou para canalizar as forças de bênção que os Devas e os Grandes Seres espargem sobre as pessoas reunidas e sobre a região adjacente.

“Ouvi os Anjos Anunciadores cantar!”

Outubro de 1925

Na noite passada eu tive uma experiência que me lembrou fortemente a visita dos Anjos aos pastores, para anunciar o nascimento de Cristo Menino em Belém.

Depois de nos retirarmos para nossos leitos no aposento que fica no jardim, onde dormimos, e enquanto eu olhava através das portas abertas para as estrelas que incendeiam um típico céu de fins de outubro, vi um grupo de anjos flutuando lentamente pelos céus. De início em pensei que fossem formas-pensamentos geradas em uma de nossas igrejas das vizinhanças, e animadas por espíritos da natureza, porque elas lembravam muito o anjo típico da arte religiosa medieval e da angelologia Cristã ortodoxa. Em longas túnicas esvoaçantes de um branco luminoso, eles flutuavam com um poético movimento circular, levando certos símbolos em suas mãos como os lírios das Madonnas, espigas de grãos e flores que eu desconhecia, com caules longos e delgados.

Enquanto os observava, subitamente apareceu, emoldurado pelo vão da porta do quarto, um esplendoroso deva mensageiro. Sua expressão e vibração, e as radiantes forças emanantes de sua aura brilhantemente colorida eram distintamente não-humanas e tinham bem pouca semelhança com as concepções apresentadas a nós com tanta beleza pelos antigos mestres; seus anjos se parecem com belos seres humanos, benevolentes e serenos, geralmente vestidos com a moda da época, e flutuando em poses graciosas como se suspensos no ar. De fato muito diferente era o ser vivaz e vital que pairava logo acima do chão fora da porta que lhe servia de moldura. Ele era de tipo nitidamente masculino, e a face era viril e forte, e especialmente o cenho e os olhos tinham nobreza e autoridade. O cabelo se estendia da testa para trás em constante movimento, como uma auréola de fogo tremulante.

Ele nos envolveu em sua aura, fazendo com que vibrássemos em harmonia com ele; ele pareceu dar-nos a bênção dos devas, e então começou a repetir a antiga mensagem dada aos pastores de antigamente: “Ouvi, trago-vos boas novas de grande júbilo, que serão para todo o povo. Pois junto a nós nasceu uma criança, e o poder estará sobre seus ombros, e seu nome será chamado Maravilhoso, Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz”.

E feito isto, apareceu detrás dele um grupo de outros anjos, aproximando-se e descendo em duas longas fileiras desde distância remota; todos eles eram rodeados e irradiados de um brilho fulgurante branco e azul prateado; muitos traziam instrumentos de arco ou sopro, e muitos cantavam, e em toda sua volta e entre as fileiras havia cabeças aladas de crianças, cantando com voz de soprano suave e argêntea, que ressoava várias oitavas acima da escala física.

Era como um coro celeste de anjos trazendo o anúncio de grande júbilo aos homens, e à medida que se aproximavam de nosso “quarto”, as fileiras se abriam e passavam de ambos os lados das camas, abençoando-as e magnetizando-as, bem como ao chão em que ficavam.

Lentamente a longa procissão de mensageiros radiosos passou através do jardim, sobre o campo, descendo a colina, atravessando a cidadezinha que jaz no vale, até perder-se na distância, inundando o mundo interno com sua luz e com a grandiosa mensagem da Vinda do Salvador dos homens. Eu os vi gradualmente desaparecer nas colinas longínquas; sua música se desvaneceu, mas a bênção de sua presença ficou. Talvez fosse um coro de anjos circundando o planeta, constituindo parte do trabalho de preparar os corações e as mentes dos homens para a chegada do Senhor.

Uma vez mais nosso visitante nos abençoou, estendendo suas mãos para nós e derramando seu poder dévico. Então, com solene inclinação da cabeça, ascendeu e desapareceu de nossa visão.

Sua profecia foi cumprida, pois o Senhor falou aos homens mais uma vez em 28 de dezembro de 1925, e em 27 de julho de 1926.

O Dia do Armistício, 1923

Apresento duas impressões ocorridas em 11 de novembro de 1923, que perduram longamente na memória; uma recebida no silêncio, outra com som.

No Cenotáfio

Whitehall, debaixo de um claro sol de novembro que brilhava em um claro céu azul. Multidões se aglomeravam densamente, e no centro o branco Cenotáfio, com sua base coberta de flores. Realeza, uniformes e o povo.

Onze horas. Silêncio. Paz. No alto do céu há uma reunião muito maior, com dezenas de milhares de mortos. Eles se reúnem em um amplo círculo a partir do centro, colocados bem acima das cabeças das pessoas que lamentavam; alguns estavam de uniforme, alguns em mufti [roupas típicas de magistrados árabes - NT], outros em mantos flutuantes. Nos corações e nos rostos de muitos rebrilhava uma alegria, uma paz verdadeira, e em torno deles, uma grande luz.

Também anjos estavam entre a multidão, banhando a cena com as esplêndidas e vívidas cores de seus mantos áuricos. Verdes suaves, tons de lavanda, brilhantes nuanças de violeta se misturavam com a luz dourada com que toda a cena estava envolta, a luz daquele nível em que só nele se encontra a verdadeira unidade.

Muitos dos falecidos viam a cerimônia terrestre, reconheciam seus amigos, e respondiam à sua lembrança amorosa, e os amavam por causa de seu luto.

Esta impressão foi recebida do coração de um outro silêncio, até mais profundo, em que haviam caído alguns amigos, enquanto se reuniam no mesmo momento a fim de se dedicarem novamente ao seu Senhor e para se unirem aos outros em Whitehall e em toda a região onde silenciosamente se recordava os mortos.

Nós também sentimos a presença e captamos um vislumbre do Rei em Sua beleza; nós também sentimos aquela alegria que tocava os corações dos mortos e brilhava de suas faces. Por um momento a consciência de Cristo pareceu dentro de nosso alcance, não havia separação, e éramos um só.

E a Voz disse: “Ouvi, Eu estou sempre convosco, e estarei até o fim dos tempos”.

O Albert Hall e "The World Requiem"

Um coro vasto e vestido de branco, se abrindo como duas asas de ambos os lados da grande orquestra; o grande órgão com suas luzes, e um homem regendo o conjunto com sua batuta, e dele extraindo deslumbrantes potências de som.

Mais uma vez fomos elevados aos céus, ao Devachan, a morada dos anjos, sim, e ainda mais alto, pois o gênio inspirado traz outra vez para muito, muito mais perto, a visão do Senhor.

Cor, radiância, beleza, estas são apenas palavras pobres para descrever o estado aonde fomos elevados, a glória que foi tornada nossa.

Diante dos intérpretes apareceu a figura de um anjo, através de cuja aura toda a música passava antes de atingir os ouvidos da audiência. Reunidos em multidão, anjos-criança, com suas faces aladas por toda parte, estavam cantando, pois o conjunto daquela beleza sonora não era físico. O som físico despertou e evocou os Coros Celestes, e através do gênio de um homem a música das esferas parecia derramar-se com doçura indescritível e beleza arrebatadora.

*“Ouvi!, sob o firmamento estão os Querubins e Serafins.
E o ruído de suas asas é o ruído de grandes águas.
E ouço a voz de anjos em torno do trono.
E seu número é dez mil vezes dez mil.
E miríades de miríades.
Eles são os anjos do senhor:
Seus anjos eleitos, guardiães dos mistérios de Deus: Seus anjos que cumprem suas ordens.
E ouvi! Acima do firmamento está algo semelhante a um trono.
Um fulgor como a cor do âmbar e com o aspecto de um arco-íris de fogo.
E uma nuvem de glória refulgia em torno e dentro dele.
Esta é a aparência do aspecto da glória do Senhor
Diante de Quem os Serafins sempre velam suas faces.
E testemunhei sair da nuvem de fogo uma voz dizendo:
Este é Meu Filho muito amado em Quem depositei Minha complacência – ouvi-O”.*

“The World Requiem”, de J.H. Foulds.

Com tais palavras e com música divinal esta grande mensagem foi dada ao mundo, com uma perfeição de beleza que deve seguramente ter tocado todos os corações.

Visão seguia-se a visão, á medida que enaltecidos pela música alguns de seus efeitos surgiam dentro do alcance da consciência. Às vezes o vasto domo do profundo azul do céu noturno, com anjos brancos dispostos debaixo das estrelas; depois uma Terra tranqüila e adormecida, envolta em um verde místico que se mesclava com o azul, e novamente anjos, sempre anjos, caminhando majestosos sobre a Terra; através da estranha cena passavam glórias fulgurantes, auroras rosadas, dias ensolarados e ocasos esplendentes, maravilhosos além de toda descrição, cada um assumindo inumeráveis formas; ora com perfis nítidos, vastas formas musicais enchiam o campo de visão; ora globos de radiância ofuscante, que se desvaneciam em miríades de tons irisados.

Em certo momento uma cruz branca foi lentamente construída e flutuou cada vez mais alto na abóbada celeste – o símbolo da Vida, formado de som vivo. Mais tarde surgiu o pentagrama, o perfil de uma estrela de cinco pontas, que fulgiu plenamente formada em linhas de luz.

E em todo o tempo éramos envolvidos de ternura e doçura, em uma beleza, um encantamento musical que abençoava enquanto encantava.

A compaixão e consolo nos vieram em cor e som. A esperança encheu nossos peitos durante esta hora imortal com que John Foulds abençoou nosso dia de recordação. De fato fomos abençoados, pois até mesmo os anjos cantaram para nós, e foi com alegria que pensamos em nossos mortos.

Os Anjos e a Música

Um interessante incidente ligado a um anjo amigo ocorreu durante um recital de Kreisler [Fritz Kreisler, 1875-1962, compositor austríaco, virtuose do violino - NT], em 20 de novembro de 1922. Durante a última parte do programa, cujo efeito havia sido o de elevar minha consciência até um estado exaltado, tornei-me consciente das vibrações familiares de um anjo amigo. Exercendo considerável pressão, ele chegou muito perto, dizendo: “Escuta concentradamente,

e eu ouvirei através de ti”. Ocorreu uma alteração em minha consciência, em que não perdi nada de minha atenção física, mas na qual eu soube que o visitante estava usando meu corpo. Como freqüentemente é o caso durante o contato íntimo com o reino angélico, o sentido da audição foi muito estimulado, e ouvi a música como jamais antes, com uma agudeza de percepção auditiva que, se tivesse sido ocular, poderia ser chamada de microscópica. Cada nota, seja do piano ou do violino, parecia ser uma vida separada e era visualizada mentalmente como globular ou ovóide, de acordo com sua duração. Dentro de seu centro havia um núcleo que era a alma da nota.

Também fiquei consciente de alguns dos pensamentos e sentimentos do anjo, que me pareciam ser os de que toda a música que existia em seu próprio plano de consciência era percebida por ele em termos de cor, e sendo manifesta externamente em seu próprio plano sob forma de poderosos anjos; ele considera a música como um reino da Natureza, com seus próprios habitantes, que existe lado a lado com o nosso, e que é uma expressão do Verbo criador; pareceu também que quando os instrumentos eram tocados cada nota abria uma válvula ou abertura, permitindo passagem até o plano físico à música correspondente. O efeito desta concepção era muitíssimo curioso de se observar. Cada nota separada em ambos os instrumentos era visualizada mentalmente passando através da válvula, que era fechada quando a nota cessava. O intérprete parecia estar com sua cabeça no reino da música, e veio-me a idéia de que todos os grandes músicos eram mensageiros dos Guardiões do reino da música para uma humanidade em evolução, assim como os grandes Governantes, Instrutores e Curadores do mundo são mensageiros da Grande Fraternidade Branca.

No caso de Pachmann [Vladimir de Pachmann, 1848-1933, célebre pianista russo - NT], pareceu como se um anjo guardião ficasse atrás dele enquanto ele tocava. Enquanto ele caminhava no palco, recebi uma imediata impressão de um grande Ego, limitado e confinado em um corpo envelhecido. Quando ele começava a tocar, contudo, o homem verdadeiro parecia gradualmente se erguer em uma figura maravilhosamente poderosa e dignificada – jovem em aspecto, mas com as suas feições. Durante e depois de cada peça, Pachmann entrava em um estado que se aproximava da infância, na qual sua técnica brilhante parecia absurdamente fácil. Em sua face freqüentemente brilhava um sorriso, suave e infantil, embora a atenção concentrada do Ego jamais vacilasse por um instante que fosse, e vi onde o poder real estava sendo aplicado.

O anjo guardião, que não apresentava nenhuma diferenciação de gênero, tinha cerca de 3,5 metros de altura, e permanecia imóvel atrás do músico, flutuando com seus pés a cerca de 45 cm acima do palco. Em sua mão direita ele sustinha um instrumento parecido com uma trompa; o fluxo de sua aura era arranjado de modo a produzir um efeito de asas dobradas, cujas pontas se voltavam para frente e para baixo em curva graciosa e descansavam no solo de ambos os lados do músico. A mão esquerda do anjo pendia livre ao seu lado; a postura era majestosa; a face, jovem e bela, e sua figura me lembrou a pintura de Watts “O Vigilante Silencioso”. Esta figura permaneceu no palco durante a interpretação de cada peça de Chopin; se tornava invisível enquanto o músico não tocava. Eles três formavam um trio estupendo: o gênio de natureza simples, doce e comunicativa, com uma técnica impecável e perfeita facilidade de execução, a sua representação Egóica intensamente concentrada, e o anjo guardião, que o protegia de todo mal e provia a atmosfera necessária de isolamento interno no qual o gênio podia ser inspirado. Novamente, como se observa amiúde no caso dos trabalhadores dévicos, havia uma sugestão de uma Consciência ainda mais elevada em contato com a qual o trabalho era feito.

No concerto Kreisler eu realmente tive um vislumbre de um dos poderosos Anjos da música, mas palavras para descrevê-lo ficam muito aquém de qualquer tentativa. Devo apenas dizer que era um Ser de forma humana, de esplendor inconcebível e glória inimaginável; ele brilhava radiantemente, e, além disso, “tocava” de modo maravilhoso, como se sua natureza se expressasse tanto em som como em cor; ele proferia continuamente um tom principal com uma multiplicidade de sobretons. Pode-se talvez ter uma idéia deste anjo se tentarmos imaginar um

mundo de glória inefável em que vive um Ser que se manifesta por meio de glória ainda maior; um mundo de Som Divino, no qual há uma partitura de música encarnada, derramando continuamente sua própria e gloriosa contribuição, a expressão, em seu próprio mundo, de sua existência individual.

Penso que podemos presumir que os Gandharvas trabalhem lado a lado com os membros da hierarquia humana em seu próprio nível, e como eles, existem em ordens graduadas que se dividem nas atividades do Sistema Solar como um todo, bem como em cada planeta. Eles são a Harmonia divina encarnada; esta Harmonia encontra expressão sob forma de música através das ordens graduadas de seres até os rudes ouvidos dos homens.

Na música, portanto, não ouvimos a voz de Deus, e o intérprete, seja indivíduo, orquestra ou coro, não se torna por aquele momento a própria flauta do Criador – uma expressão da Causa Primeira?

O artista sincero e impessoal recebe, de acordo com sua capacidade, aquele toque do Deus de sua Arte que pode transformá-lo em um gênio. Se ele prostituir seu poder, o toque mágico despertará apenas seu eu inferior e ele cairá escravo de seus próprios desejos. Gênio verdadeiro significa contato com a Mônada, e são os devas que podem realizar - e de fato o fazem - a conexão temporária, muito antes do que esta poderia ser feita pelo processo normal de evolução. Isto vale para todos os ramos da arte, mas especialmente para a música.

Purificando a atmosfera de uma cidade

Cotswolds

26 de agosto de 1926

Diante de nós se estende uma ampla paisagem por 50 a 65 km até as distantes montanhas de Gales; por trás e acima das montanhas o sol se põe em um fulgor dourado. Os campos celestes são povoados com incontável número de silfos, voando como grandes gaivotas de corpo humano através do céu. Um “exército” de silfos está concentrado acima da cidade que é visível a cerca de 13 ou 15 km de distância, com sua antiga torre da catedral elevando-se altaneira em sua atmosfera fumaçenta. A aura astral da cidade se assemelha a uma grande bolha, como se soprada de baixo para cima; ela envolve a cidade até cerca de 350 metros no ar acima; no interior sua atmosfera astral é escura, e sua cor se escurece ainda mais à medida que se aproxima do chão; pesadas nuvens de marrom se mesclam com listras de vermelho fosco e verde escuro, em alguns lugares como manchas que flutuam frouxas, em outros são concentradas e fixas. Todos os tons mais refinados e agradáveis sobem ao topo, criando um falso céu, uma espécie de abóbada de azul, rosa e verde-maçã.

Da catedral jorra para o ar uma fonte de luz e poder; dela também brilha luz para as vizinhanças. Os silfos trabalham nos estratos inferiores, no nível das casas, o qual é escuro por todas as ruas. Estes seres radiantes de luz e beleza, de pura brancura e aérea vitalidade, mergulham através da bolha, até dentro dos escuros pântanos de egoísmo e vício. Sua presença os agita e força a circular, e então eles carregam a matéria grosseira em suas auras, todos sujos e emporcalhados, até alto no ar, subindo com lentidão como se sofrendo; voam alto, alto, até a periferia, gradualmente expandindo suas asas áuricas e dissipando o lodo pantanoso e asfíxiante. Observando um deles parado na atmosfera, dissipando a névoa escura, vejo-o meditar: ele passa a um êxtase, sua face brilha em júbilo através da sombra do fardo que ele carrega; então ele atrai poder de cima, que desce por sua cabeça e perpassa todo o seu corpo com sua eletricidade; o poder energizante é tão grande que revitaliza sua aura, de modo que o jogo de suas forças é estimulado e as correntes de poder áurico gradualmente recuperam seu vívido fluxo do centro para fora, dispersando no espaço o mal astral que voluntariamente absorveu.

Deste modo eles trabalham, em centenas, lembrando-me os mineiros que descem no túnel de onde emergem sujos e escurecidos; deste modo os silfos clareiam a atmosfera astral da antiga cidade, literalmente varrendo suas ruas e casas; em certas áreas onde eles tiveram algum sucesso, eles liberam e dirigem correntes de energia nos lugares escuros, como bombeiros abrindo as mangueiras contra o fogo.

Presidindo sobre eles em seu trabalho está o Gênio desta grande planície, um Deus angélico de uma forma humana titânica. Sua presença e poder se imprimem sobre toda a região que ele governa. Ele próprio é visível no plano mental, com sua face impassível, divinal em sua calma, majestosa e completamente serena.

Autoridade e estabilidade o caracterizam. Sob suas ordens trabalham seus súditos aéreos, os radiantes silfos de “pés silenciosos”. Um vasto exército, como vimos, trabalha pelo homem na aldeia, na vila e na cidade; outros o fazem pelo reino vegetal que embeleza a planície, enquanto que ainda outros são vistos brincando em jogos aeronáuticos angélicos, rodopiando, ondulando e disparando através do céu.

Este livro é uma publicação da

Canadian Theosophical Association
(uma associação regional da Sociedade Teosófica em Adyar, Índia)
902 - 10 Laurelcrest Street ,
Brampton, On. Canada L6S 5Y3

Fone: 905-455-7325

Fax: 905-455-76529385

e-mail: info@theosophical.ca

website: <http://www.theosophical.ca>

BRAZIL-1920 - [Member of the Inter-American Theosophical Federation]

Mr Ricardo Lindemann, Section General Secretary
Sociedade Teosofica no Brazil, SGAS Quadra 603, No.20
CEP 70200-630 Brasilia (DF), Brazil

Magazine: Theosophia

e-mail: theosofia@stb.org.br

<http://www.stb.org.br/>

PORTUGAL-1921 [Member of the European Federation of National Societies]

Mr.Licio Correia, Section General Secretary,
Theosophical Society in Portugal,
Rue Paulo Dagama 550, 50C 4150 Porto Portugal

Magazine: Portugal Teosófico

e-mail: liciocorreia@sapo.pt

<http://www.terravista.pt/enseada/6700/>

[De volta ao início \[Back to top\]](#)

[De volta ao índice de documentos \[Back to documents page\]](#)

[De volta à página principal \[Back to main page\]](#)

[Links para outros sites \[Links to other web sites\]](#)